



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**DAYANA SILVA DE OLIVEIRA**

**O MUSEU DO CEARÁ E O PROJETO DORINHA: A CONTRIBUIÇÃO DO  
ESPAÇO MUSEOLÓGICO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA**

**FORTALEZA**

**2013**

DAYANA SILVA DE OLIVEIRA

O MUSEU DO CEARÁ E O PROJETO DORINHA:  
A CONTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO PARA A FORMAÇÃO DA  
CRIANÇA

Monografia apresentada ao Curso de  
Pedagogia do Departamento de Educação da  
Universidade Federal do Ceará, como requisito  
parcial para obtenção do Título de Licenciado  
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Luciane Goldberg.

FORTALEZA

2013

DAYANA SILVA DE OLIVEIRA

O MUSEU DO CEARÁ E O PROJETO DORINHA:  
A CONTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO PARA A FORMAÇÃO DA  
CRIANÇA

Monografia apresentada ao Curso de  
Pedagogia do Departamento de Educação da  
Universidade Federal do Ceará, como requisito  
parcial para obtenção do Título de Licenciado  
em Pedagogia.

Aprovada em: 19/02/2013.

BANCA EXAMINADORA

**1**

Professora Mestre Luciane Germano Goldberg  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Mestre Cristina Rodrigues Holanda  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Doutor Francisco Ari Andrade  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, por ser meu eterno guia por ter me dado a benção de iniciar e concluir o curso superior de Pedagogia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me dá forças e perseverança para seguir em meios a tantos desafios que enfrento no decorrer da vida.

Aos meus pais Roque e Maria de Nazaré que muito se dedicaram a me educar e com todo seu esforço nunca me deixaram faltar nada, tudo com muito amor e exemplo.

Ao meu companheiro Sidney Monteiro, exemplo de dedicação com seus estudos, que muito me ajudou em todas as horas.

A minha orientadora Luciane Goldberg que com muita paciência, alegria e dedicação me orientou a fazer este trabalho de conclusão.

Aos professores do curso de Pedagogia que fizeram diferença na minha vida com seus ensinamentos e que muito contribuíram com meu aprendizado.

E a todas as pessoas que contribuíram direto e indiretamente com este trabalho.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste no estudo do Projeto Dorinha do Museu do Ceará, em sua trajetória histórica, buscando analisar sua importância como recurso pedagógico que auxilia a criança a aprender não somente o ensino de história refletido através dos objetos, mas também como o contato das crianças com o objeto refletido de forma lúdica favorece a uma consciência histórica, sociocultural e identitária. Procurou-se entender o espaço museológico, especificamente o museu histórico, como um espaço educativo não formal que fornece à criança um campo de reflexão através dos objetos e que a presença de ações educativas nestes espaços contribui como um recurso didático metodológico, sendo este uma mediação entre o indivíduo e o objeto contribuindo para a construção de conhecimentos. Para a realização deste trabalho foi utilizada bibliografia nas áreas da museologia, educação e ludicidade, teatro e história. Também foram realizadas entrevistas, acompanhamento com uma turma na visita ao museu e análises de cartas de crianças em relação ao projeto e ao museu. Após o término deste trabalho verificou-se que o Projeto Dorinha tem sido uma ação educativa de grande relevância para que a criança aprenda de maneira lúdica e dinâmica, descobrindo o passado de sua cidade e expandindo seus conhecimentos sobre sua identidade local, se reconhecendo enquanto indivíduo fazedor de cultura, isto é, de caráter imprescindível para sua formação em dimensões emocionais, sociais e cognitivas.

**Palavras-Chaves:** Museu. Educação. História.

## **ABSTRACT**

This final project consists in the study of The Dorinha Project of the Museum of Ceará, in its historical trajectory, trying to analyze its importance as a pedagogical resource which helps children to learn not only the teaching of history is reflected through the objects, but also as the children's contact with the object reflected, so playful historical consciousness fosters cultural and identity. We tried to understand the museological space, specifically the history museum, as a non-formal educational area which provides the child a reflection through objects and that the presence of educative actions in these areas contributes as a teaching resource, with it being a mediation between the individual and the object contributes to the construction of knowledge. For the accomplishment of this work was used in the fields of museology bibliography, education and playfulness, theater and history. Also interviews were conducted, with an accompanying class in visitation to the Museum and analysis of letters from children about The Project and The Museum. After the end of this study it was found that The Dorinha Project has been an educational activity of great importance for the child to learn playful and dynamic way of discovering the past of your city and expanding their knowledge about their local identity, recognizing themselves as an individual culture-maker, and this is essential for their formation in emotional dimensions social and cognitive.

**Keywords:** Museum. Education. History.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O ESPAÇO MUSEOLÓGICO E SUA RELAÇÃO INTRÍNSECA COM A EDUCAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>O MUSEU DO CEARÁ .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>As ações educativas do Museu do Ceará a partir dos anos de 2000 .....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES DO MUSEU DO CEARÁ PARA A CRIANÇA EM SEU PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O PROJETO DORINHA.....</b>	<b>30</b>
<b>4.1</b>	<b>O projeto e suas ressignificações com o passar do tempo .....</b>	<b>43</b>
<b>4.2</b>	<b>Respostas das crianças ao Projeto Dorinha: uma breve análise de cartas.....</b>	<b>47</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>
	<b>ANEXO A – CARTILHA “AS AVENTURAS DE DORINHA NO MUSEU DO CEARÁ” .....</b>	<b>54</b>
	<b>ANEXO B – CARTA AOS PROFESSORES .....</b>	<b>62</b>
	<b>ANEXO C - DIÁLOGO ENTRE O MONITOR E A DORINHA .....</b>	<b>73</b>
	<b>ANEXO D – TEATRO INFANTIL: O SONHO DE DORINHA .....</b>	<b>76</b>

## 2 INTRODUÇÃO

Pesquisar o “Projeto Dorinha”, uma das ações educativas do Museu do Ceará que criou uma personagem, a boneca Dorinha, e materiais didáticos-educativos, foi uma escolha a partir da minha experiência como estagiária por dois anos, de abril de 2010 a abril 2012, na referida instituição, atuando como educadora e exercendo a mediação das salas de exposições com o público em geral. Identifico-me com este projeto, dentre muitos outros neste espaço, pois percebo que ele é de grande relevância às crianças como recurso pedagógico na percepção do tempo e do espaço, da identidade e do próprio ensino de história.

O Museu do Ceará, hoje localizado no centro da cidade de Fortaleza, foi fundado em 1932, sendo a primeira repartição museológica do Estado. Trabalhando a história do Ceará através dos objetos, o museu se propõe hoje a dialogar e criticizar os fatos e a memória do Estado com exposições de longa duração ou temporárias. A criação de ações educativas por parte da Instituição propicia uma melhor compreensão do que o espaço se propõe a trabalhar tornando o espaço educativo e transformador, mobilizando o olhar e produzindo conhecimento.

O projeto Dorinha, criado em 2001, dentro do Museu do Ceará, é uma ação educativa específica para o público infantil que visita o espaço. Utiliza-se de um teatro de bonecos, onde a personagem central, chamada Dorinha, interage com os alunos visitantes, com a intenção de auxiliá-los no entendimento de como a história pode ser refletida através dos objetos e a sua conservação. Iorio diz que o conceito de espaço e tempo é de difícil compreensão para a criança, por esta não possuir um passado longo, logo não pode perceber as transformações que ocorreram na sociedade com o tempo, exigindo, então, da criança que ela seja apresentada a este passado com instrumentos que propiciem este saber (IN MARQUES E RIBEIRO, 2001). Logo pesquisar como as crianças entendem a história do Ceará, a temporalidade dos objetos encontrados nas salas de exposição do Museu do Ceará vem a ser de relevância para esta pesquisa.

O objetivo desta pesquisa consiste em um estudo sobre o Projeto Dorinha como ferramenta pedagógica em um espaço educativo não formal.<sup>1</sup> Neste estudo pretendo pesquisar as origens e refletir sobre as transformações deste projeto ao longo do tempo buscando observar os resultados obtidos com as crianças. Pesquisar a importância do Projeto Dorinha

---

<sup>1</sup> Libâneo diz que a educação não formal são atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente em relações pedagógicas, mas não formalizadas. (LIBÂNEO, 2004, p.89)

enquanto ferramenta pedagógica irá contribuir para respostas de formas teóricas sobre a prática já exercida. O recorte temporal que utilizei nesta pesquisa será o início do projeto em 2001 até abril o ano de 2012, quando acabou meu estágio na instituição.

Este trabalho está enquadrado no campo de uma pesquisa qualitativa dentro do campo da educação, tendo em vista que “o grande desafio da pesquisa qualitativa está na ‘interpretação’ de uma dada realidade sociocultural, e não especificamente na ‘quantificação’ dessa realidade.” (QUEIROZ, 2006, p. 90). Em um primeiro estágio foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre museus, educação museológica, o ensino de história, educação formal e não formal, o teatro e a ludicidade como recurso pedagógico. Entrevistas em jornais e revistas, publicações de artigos em periódicos e livros, além de uma revisão bibliográfica com temas transversais à pesquisa também foram de fundamental importância.

Após estudo preliminar do material foram realizadas visitas ao Museu do Ceará onde foram realizadas observações com registros em um caderno de campo, fotografias e vídeos. Foi feito um acompanhamento desta ação educativa com uma turma de 4º série de uma escola da rede municipal de ensino, onde atuei desde a entrega das cartilhas em sala de aula até a visita mediada no museu com a apresentação do teatro-história. A escolha desta turma se deu a partir do contato que tive com a agenda do Museu que data todas as visitas. A turma estava agendada a datas próximas ao período da minha pesquisa. Também foi feita entrevistas com os idealizadores do Projeto Dorinha, sendo entrevistados Régis Lopes e Kênia Sousa Rios.

Esta pesquisa é importante haja vista a pequena quantidade de artigos, monografias, dissertações e teses referentes ao assunto aqui abordado. Existem poucos estudos sobre esta ação educativa, falando especificamente sobre este projeto e sua abrangência causando entendimento através do teatro e sua ludicidade. Penso que este projeto teria bastante relevância aos próximos pesquisadores deste assunto e também aos que pesquisam e estudam sobre educação no espaço não formal, ações educativas nos museus e outros espaços, aos educadores do Museu do Ceará e a própria Instituição, pois tenho o apoio do coordenador pedagógico e a diretora atual do museu, facilitando assim meu acesso a esta pesquisa.

Este Trabalho de Conclusão de curso está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro referente à historicidade dos museus e sua relação com a educação; o segundo, a história do Museu do Ceará (campo de pesquisa deste trabalho) e as ações educativas criadas para desenvolver papel didático e mediador com o público visitante; o terceiro, um estudo

sobre o Projeto Dorinha desde sua criação e transformações até início ano de 2012; e por último, uma análise de cartas feitas pelas crianças ao Museu do Ceará, como um retorno a validação do projeto.

### **3 O ESPAÇO MUSEOLÓGICO E SUA RELAÇÃO INTRÍNSECA COM A EDUCAÇÃO**

Neste capítulo buscarei mostrar as características e a importância do espaço museológico e expor a relação deste com a educação, mostrando que o museu é um espaço de reflexão e aprendizado que precisa de propostas pedagógicas para se tornar didático, reflexivo e promover uma consciência crítica e cidadã.

O museu histórico trabalha com os objetos como meio de leitura e aprendizado, espaço onde os objetos museológicos expostos nas salas de exposição são lidos e ressignificados, contando-nos uma história da qual a sala se propõe a narrar. Esta leitura remete não somente à memória do objeto a ser contada, mas também a nossa história sendo refletida pelo mesmo. É “um espaço que estabelece uma intermediação institucionalizada entre o indivíduo e objetos materiais” (MENESES, 1995, p.3).

O museu é um local onde se aprende história para além dos livros didáticos e da sala de aula, que busca mergulhar no passado entendendo seus conflitos, perdas e ganhos, onde entender o presente está relacionado ao que você compreende do que aconteceu na trajetória de construção do mundo e da humanidade. Constituir e se identificar com seu patrimônio histórico numa relação de preservação e conhecimento faz do museu um campo de consciência e aprendizagem. Santos (2008) diz que o museu é a qualificação da cultura, em processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social e torna o visitante um agente social, onde esse reconhece e se apropria de sua cultura e memória, muitas vezes marginalizada por uma cultura dominante e globalizada. Meneses (1995) aprofunda a ideia de museu quando diz que:

Além de evocar e celebrar o passado, um museu deve organizar-se de maneira a mostrar a sociedade como organismo vivo, sujeito a mudanças. Assim, o museu histórico contribui para o enriquecimento da consciência histórica, isto é, a percepção da vida social como produto da ação humana que a gente gera e transforma. (MENESES, 1995, p. 7)

Trabalhando a história, a memória, o tempo, o espaço, os sentimentos e as apropriações o espaço museológico se institui em um campo de conhecimento sobre si e a sociedade, pois todos nós, homens, crianças, mulheres, ricos, pobres fazemos história todos os dias. Perceber o que já foi feito em uma sociedade, nos faz refletir se queremos continuar com nossos antigos hábitos ou se queremos promover uma mudança no meio em que vivemos. Estudar o passado é uma tarefa fundamental para compreender o presente “e estudantes e

professores que se dão conta dos problemas do seu tempo tornam-se coletivamente responsáveis pelos destinos da humanidade” (MARQUES E RIBEIRO, 2001, p.23). Para além de uma educação patrimonial o museu deve mostrar e valorizar as manifestações culturais em suas dimensões materiais e imateriais<sup>2</sup>, estabelecendo um diálogo entre as gerações e ajudando o indivíduo a fazer uma leitura do mundo que o cerca.

Para que este espaço consiga trabalhar o que oferece ele precisa de métodos educativos. Por que o espaço museológico precisa da educação? Ações educativas que nos permitam a esta reflexão dentro do espaço museológico são de acompanhamento pedagógico e de real necessidade. Como nos diz Santos:

Considero que os métodos e as técnicas a serem utilizados em projetos a serem desenvolvidos pelos museus e pelas escolas devem ser apoiados nas concepções de Educação, Museologia e Museu adotadas pelos sujeitos sociais envolvidos no seu planejamento e na sua execução devendo, pois, ser adaptadas aos diferentes contextos, aos anseios e expectativas dos diversos grupos com os quais estejamos atuando, sendo repensados constantemente, modificando e enriquecidos com a nossa criatividade, com a nossa capacidade de ousar, realizando um processo constante de ação e reflexão no qual teoria e prática estejam sempre em interação. (SANTOS, 2008, p. 128)

Partindo do ponto de vista em que a educação está em todo lugar e que os saberes são aprendidos e desenvolvidos de diversas formas para a formação humana, buscamos expor a ruptura dos que pensam que a educação existe só em espaços formais e/ou escolares. A educação nos rodeia em qualquer local onde se viva, nos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. Ela é aberta a todos e de todos, Freire (1996) ressalta que a educação é uma resposta à finitude da infinitude, ou seja não tem fim.

A educação surge para tornar o ser humano apto a viver consigo e com os próximos dando qualidade e significação a sua própria vida. É uma troca de saberes e experiências, construção de ideias e pensamentos, hábitos, ética e igualdade de relações. São diversas as modalidades educativas e estas são ressignificadas em cada contexto, são transformadoras e nunca lineares e limitadas.

A educação é vista em espaços formais e em espaços não formais. O ensino formal é garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e é representado pela instituição escola, já a educação não formal ou extraescolar é obtida em um grupo e etnias, em instituições, associações, Organizações Não Governamentais - ONGs e outros. O que as define são os meios de como é promovido o aprendizado.

---

<sup>2</sup> Para se aprofundar mais sobre o patrimônio cultural ler Legislação sobre o Patrimônio Cultural.

A educação não formal, como nos diz Gonh (2010), é sinônima da educação extraescolar, pois não se dá dentro da escola, extrapolando os muros escolares, demarcando seu campo e sua especificidade. Porém, esta não surge para se contrapor ao currículo formal e sim agregar mais conhecimento e de forma multidisciplinar. As duas formas educacionais, formal e não formal, devem interagir juntas propiciando ao indivíduo uma melhor compreensão de mundo, de si e sua prática social. Nunca excluindo uma a outra e sim, sempre atuando juntas “[...] acreditando que é possível construir conhecimento na troca, na relação entre o ensino formal e o não formal” (SANTOS, 2008, p.1).

Como o campo específico da educação não formal a que estou me referindo é o espaço museológico, a escola pode unir-se ao museu em uma atuação conjunta no intuito de enriquecer o processo de troca de conhecimento. Dialogando com este pensamento Santos (2008) nos afirma que:

O museu é uma instituição que tem um compromisso com o processo educacional, seja ele formal ou informal, devendo a escola também participar e interagir com a comunidade onde está inserida. [...] Tanto o museu como a escola devem potencializar os recursos educativos de uma comunidade, realizando o intercâmbio necessário entre o formal e o não formal, um alimentando o outro e se enriquecendo mutuamente. (SANTOS, 2008, p. 31)

Diante do fato de que a educação está em todo lugar, nesta monografia buscarei mostrar o museu como um espaço não formal de educação e preservação da cultura e memória, mas antes mostrarei um pouco da trajetória do mesmo, pois estes nem sempre foram vistos como um espaço sócio interacional e educativo. Durante muito tempo, ele era visto como um campo de legitimação da nação, também como um espaço de socialização e discurso sobre a arte e sua história, mostrando apenas a história de uma elite, deixando de fora a história popular, ou seja, das camadas sociais menos privilegiadas.

No início do século XX o Brasil se preparava para comemorar o seu Centenário da Independência. Desde então, começou-se a trabalhar o sentimento de patriotismo passou a ser trabalhado em todos os segmentos educativos do país. Oliveira (2009) diz que “[...] era preciso celebrar heróis e acontecimentos, a fim de promover o sentimento de patriótico, de orgulho em relação à nação emergente” (OLIVEIRA, 2009, p. 16), logo o museu histórico era usado para se ver e perceber a nacionalidade e as representações de grandes pessoas da elite, onde em uma exposição se tinha a caneta do presidente, a farda de um militar, a bandeira do Brasil, mas não havia ainda uma preocupação com a historicidade daqueles objetos e sim que eles fossem vistos como um símbolo e reconhecimento de alguém ou de algum fato histórico. Então, durante anos ele se tornou um lugar de coisas antigas, sem assimilações com o

presente, um depósito de objetos. Ainda hoje existe esse tipo de visão sobre o museu como no dito popular que diz que *“lugar de coisas antigas é num museu”*.

Nos últimos anos o museu passou por um processo de reavaliação em que muitas diretrizes museológicas foram mudadas e agora ele passa a ser um lugar não somente de contemplação do passado, hoje as salas de exposições passam a ser um espaço de reflexão crítica e histórica para a sociedade. Na Mesa Redonda de Santiago no Chile<sup>3</sup> em 1972, aspectos relacionados ao museu em seu caráter político, técnico, social, econômico e educativo, foram discutidas e lançadas propostas no intuito de promover uma integração do espaço museológico à sociedade. Desde então, vários museus da América Latina se inspiram neste acontecimento e reavaliam suas propostas museais.

Não se pode ver o passado como algo isolado do presente, nem tampouco não influente no futuro. O museu hoje vem dialogando com diferentes épocas e contextualizando com o presente através do objeto. Essa nova reavaliação é chamada aqui no Brasil de “Movimento Nova Museologia” em que Santos (2008) nos fala com maior clareza sobre este movimento:

[...] o “Movimento da Nova Museologia”- Foi um vetor no sentido de buscarmos um novo caminho, que descobrimos a cada etapa avaliada não ser o ideal, mas o possível, que nos instrumenta para seguir adiante buscando o desenvolvimento constante da ciência museológica. (SANTOS, 2008, p.21)

O campo museal, então, entra como um espaço educativo e transformador, capaz de mobilizar o olhar e produzir conhecimento. O espaço e o tempo tornam-se fatores de produção de reflexão e memória, deixando de ser um depósito de objetos vira um espaço interdisciplinar, atuando em várias áreas como na educação, antropologia, história, geografia, política, cultura entre outras. O campo se torna interdisciplinar a partir da motivação a visão crítica do olhar sobre os objetos, ou seja, através do objeto podemos discuti-lo em várias áreas disciplinares. Utilizo a palavra motivação por que o museu agora tem o papel fundamental de organizar suas exposições de maneira excitante para o visitante com o objeto, instigando-o a olhar de forma profunda e reflexiva. E como espaço educativo temos o direito de o utilizarmos segundo Leite (2011, p. 50) quando diz que “o direito de acesso à educação e à cultura também são garantidos constitucionalmente – e museus são espaços de educação e cultura; espaço de deleite e entretenimento.” E com base nessa transformação do espaço referido, Ramos (2004) afirma que:

---

<sup>3</sup> A “Mesa Redonda de Santiago” no Chile foi idealizado pela Unesco e realizado pelo Conselho Internacional de Museu- ICOM com a finalidade de repensar as diretrizes do espaço museológico.

Atualmente, os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objeto não é mais a celebração e sim a reflexão crítica. Se antes os objetos eram contemplados, agora devem ser analisados. O museu coloca-se, então, como lugar onde os objetos são expostos para compor um discurso crítico. (RAMOS, 2004, p.6)

Transformando-se num espaço educativo, um espaço onde se coleciona objetos com significados diversos, estes não só tem um significado estabelecido pela sua função de uso, mas podem significar algo completamente diferente depois que entram no museu para observações e reflexões, onde cada objeto parte do singular para o universal, no intuito de que o objeto instigue a memória e a percepção.

Esse processo educacional visa, prioritariamente, que o educando, a partir do contato com a cultura material<sup>4</sup> possa refletir sobre a sua realidade e sobre as mudanças que ocorreram na sociedade, assumindo um papel ativo na história de formação de seu espaço. É fundamental para o processo de aquisição de conhecimento que a pessoa seja instigada a querer saber mais e a se questionar. Museu que não tem ação educativa é um museu sem ação-reflexão, tendo em vista que o museu é um espaço de diálogo, interesse, reflexão, interlocução e interdisciplinaridade.

Na museologia atual o objeto passa a ter um valor mais agregado. Como já foi visto aqui o objeto era apenas um representante de elite e do nacionalismo. Ele, então, passa a ser uma peça fundamental para o ensino de história e âmbito educativo, tornando-se um “objeto gerador”. Dialogando com este pensamento Ramos (2004) nos diz que:

O objetivo primeiro do trabalho com o objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre o sujeito e o objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano em sua historicidade. (RAMOS, 2004, p. 14)

O objeto passa a ter vida em simbologias e despertamentos, ao olhar para o objeto você fará leituras sobre ele que remeterá a historicidade, ao lúdico e fantasias, a uma cena ou experiência pessoal, o objeto deixa de ser mudo para dialogar com quem o observa. Esta “alfabetização museológica” a partir da leitura dos objetos faz do museu uma instituição de educação, história, memória e pesquisa, pois esta se dá a partir da ideia de que como um individuo é capaz de ler uma palavra, e esta é capaz de induzir a significados, os objetos também o são.

A análise dos objetos desenvolve a percepção da pessoa sobre um determinado assunto a ser explorado nas salas de exposições. Visitar um museu é uma experiência

---

<sup>4</sup> Está relacionado à arqueologia, são objetos criados pela sociedade para uso de utensílios.

diferente da do espaço escolar. Para Ruoso (2009, p.26), o museu “é uma casa provocadora de sonhos, conflitos, tensões, desejos, continuidades, medos, frustrações, cansaço, luta, luto, contradições, publicidades, festas, ruptura e morte e precisa ser compreendida como uma arena política”.

Entretanto, para o público visitante que chega ao museu, principalmente em suas primeiras vezes, não é tão fácil compreender o objeto como objeto gerador, ou fazer uma leitura do mesmo ultrapassando seu valor de uso. Tal problemática se dá pelo fato de vivermos em uma sociedade da qual a cada segundo temos, vemos e lemos muitas informações não dando tempo a refletir cada uma delas por conta da correria do cotidiano. Por conta dessa realidade é necessária uma ação partindo do próprio museu que trabalhe o olhar do visitante sobre o objeto, gerando uma “alfabetização museológica”, expressão usada anteriormente. Como nos diz Oliveira (2007, p. 27) “A alfabetização museológica deve ser uma atividade preparatória para sensibilizar a percepção” cabendo ao próprio museu proporcionar isto. Compartilhando deste pensamento, Ramos (2004) nos diz como ultrapassar o objeto para além do seu valor de uso quando diz que “Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler a história que há nos objetos.” Nos dando um exemplo bem claro quando complementa que:

Além de analisar a história através dos livros podemos estudá-la por meio dos objetos. Perguntar-se sobre nossas roupas comparando-as da década de 1950 ou da aristocracia francesa do século XVIII é, por exemplo, uma das questões que podem desencadear processos de sensibilização para a historicidade dos artefatos com os quais lidamos no dia-a-dia. (RAMOS, 2004,p.7)

Logo, é responsabilidade da gestão do museu, junto ao seu núcleo pedagógico, propor esta sensibilização e alfabetização do olhar por meio da mediação cultural. Na mediação cultural o educador é uma peça fundamental para a troca de saberes com o visitante dentro do campo museal e de concretização das ações educativas de um museu, aliás, ele promove as ações educativas junto ao seu coordenador. Pois este é quem media a obra ao visitante e quem o instiga a refletir. Este, na maioria das vezes é estagiário, graduando de alguma faculdade nas áreas da licenciatura ou concursado. O educador ou mediador, como é conhecido atualmente, já foi chamado de facilitador, monitor, guia, porém nenhuma destas últimas nomenclaturas abordava a complexidade e trabalho de um educador. Barbosa (2008) trata esse termo “monitor” como um termo revelador de preconceitos quando diz que:

Eles são educadores, pois tratam de ampliar a relação entre o museu e o público, ou melhor, são mediadores entre a obra de arte e o público. Monitor é quem ajuda um

professor na sala de aula ou é o que veicula a imagem gerada no HD, no caso de computadores. Atrelada à palavra vai a significação de veículo e de falta de autonomia e de falta de poder próprio. (BARBOSA, 2008)

Neste trabalho, utilizarei referências de estudiosos da área de diferentes épocas, portanto, ainda encontraremos o termo monitor, mas agora já entendemos o porquê da troca de nomenclaturas atualmente utilizada.

A função do educador é de caráter fundamental, pois este é quem está diariamente recepcionando os grupos que visitam o museu, sejam escolares, de Organizações Não Governamentais – ONG, projetos, e tantos outros como também o visitante individual e faz a mediação das salas de exposições com este que o visitam. São os que atuam e desenvolvem diretamente a alfabetização museológica, onde este desperta o olhar do visitante através de perguntas, diálogos, troca de saberes e experiências. Esclarece também a proposta da sala de exposição e a problematiza, conquistando o visitante a uma mediação cultural e ajudando-o a entender a disposição dos objetos que compõem as exposições. Desta forma o público visitante poderá vir a entender que assim como as exposições são construídas também os fatos históricos os são. Referindo-se ao papel e a importância do educador, Oliveira (2007) nos afirma que:

A participação do monitor nas visitas é indispensável, pois é ele quem tem a função de aguçar no visitante o interesse pelo objeto. Seu trabalho não consiste em ser um mero reproduzidor de informações, pois isso as placas de identificações já os fazem. (OLIVEIRA. 2007, p. 30).

É a partir daí que se faz ainda mais visível o essencial papel do mediador que é aproximar os objetos de quem os vê, deixando claro que a multiplicidade temática das exposições do museu deve ser percebida como reflexo da própria história que é construída a partir do emaranhado das relações dos fatos históricos do passado e do presente. Passado este, que pode ser percebido dentro do museu como algo que não se encontra tão distante e/ou separado dos fatos que constroem o dia-a-dia. É extremamente necessário que durante a visita ao museu sejam postas em prática ações pedagógicas que façam com que o educando/visitante enxergue nesta visita uma oportunidade de expandir seu conhecimento e reconhecimento histórico e cultural.

#### 4 O MUSEU DO CEARÁ

O Museu do Ceará (MC), nome utilizado atualmente, foi fundado em 1932 no centro da cidade de Fortaleza e seria a primeira instituição museológica oficial criada pelo governo estadual do Ceará. Chamado Museu Histórico do Ceará, era integrado ao Arquivo Público do Estado<sup>5</sup>, sob a direção do historiógrafo Eusébio Néri de Alves de Sousa, o qual passou 10 anos na gestão do espaço. Esta integração do museu e arquivo perdurou até 1951. Durante sua direção, Eusébio de Sousa fez uma grande mobilização de arrecadação de peças através dos meios de comunicação da época para compor o acervo e foi uma das gestões das que mais recebeu doações de objetos a até hoje. Era também seu objetivo abrir o espaço para todos e que todos quisessem conhecer a história do Ceará que lá estava sendo representada. Holanda (2005), pesquisadora da instituição e atual diretora, nos diz que:

No início dos anos trinta, o Museu Histórico do Ceará foi se formando e, sob, as vistas de Eusebio de Sousa, procurou se direcionar para a coleta, classificação e exposição de objetos que possibilitassem ‘o conhecimento da história da pátria, especialmente do Ceará, bem como o culto das nossas tradições’ (Decreto Estadual nº 643, de 29/06/1932). (HOLANDA, 2005, p.9)

Segundo Holanda (2012) passada a Gestão de Eusébio de Sousa outros diretores formaram e trabalharam no do Museu do Ceará, entre eles: Antonio Paes de Castro (1943), Artur Eduardo Benevides (1944-1945), Hugo Catunda (1945), Fidélis Alves da Silva (1946-1951), Raimundo Girão (1951-1961), Manuel Albano Amora (1960-1962), novamente Raimundo Girão (1963-1964), Renato Braga (1964-1966), Celsio Brasil Girão (1967-1971), Osmirio de Olivera Barreto (1971-1990), ficou sem direção de 1991-1993, Valéria Laena Rolim (1993-1998), Berenice Abreu de Castro Neves (1999), Francisco Régis Lopes Ramos (2000-2008), Cristina Rodrigues Holanda de 2008 até os dias atuais.

O Museu também percorreu outros espaços de Fortaleza desde sua fundação na Rua 24 de Maio no centro da Cidade (1932). Em 1934, foi para a av. Alberto Nepomuceno, nº 332, também no Centro. Depois para Assembleia Legislativa, no Palacete Senador Alencar (1951) nesta época o Museu, integrado ao Instituto Histórico, passou a se chamar Museu Histórico e Antropológico do Ceará. Em seguida foi para a da Av. Visconde de Cauípe, nº. 2431, no bairro Benfica (atual Av. Da Universidade) (1956). Mais não demorou muito e o museu foi para na Rua Barão do Rio Branco, nº 1594 (1967). Também se instalou na Av.

---

<sup>5</sup> O Arquivo Público do Estado do Ceará tem como função recolher, preservar e divulgar documentos de valor histórico para referência e pesquisa. São correspondências, processos, relatórios, inventários, mapas, plantas e diversos outros documentos, emitidos pelos Poderes Executivo, Legislativo, Judiciário e, também, de particulares. Fonte: <<http://www.secult.ce.gov.br/equipamentos-culturais/arquivo-publico/arquivo-publico/>> Acessado em: 15/01/2013.

Barão de Studart, nº 410 (1970). Anos depois o museu vai para o Palacete Senador Alencar, na Rua São Paulo, nº 51, no Centro, (1990) onde se encontra até hoje. (IMAGEM 1)

Imagem 1 – Fachada do Museu do Ceará, hoje no Palacete Senador Alencar



Fonte: <http://www.jangadeiroonline.com.br>. Data de acesso 04/01/2013

Vários motivos fizeram o museu mudar de local, dentre eles, a falta de espaço, a gestão, acordos políticos e outros. Rodrigues (2011) chama o museu de “nômade” e de “organismo vivo” que traz consigo muita história e objetos capazes de nos revelar intensos e incalculáveis significados quando nos relata que:

A sua ‘passagem’ em vários prédios de Fortaleza lhe concedeu um caráter subjetivo: o Museu do Ceará é quase que um museu “fantasma”. Um “fantasma” que, em vez de carregar as correntes de suas prisões passadas, carrega consigo os milhares de objetos do seu acervo, que são renovados a cada passo dado, a cada edifício ‘visitado’, a cada endereço alterado, em seu eterno fado de vagar por entre os homens. E o arrastar desse acervo é mais audível que as correntes: ele nos traz maiores possibilidades, basta nos permitirmos esquadrihar por entre seus inúmeros significados. (RODRIGUES, 2011, p.18)

O Museu do Ceará foi fundado em meados da década de 1930, em uma época em que o Brasil se educava nacionalista, como já falei no capítulo anterior. Os museus também saudavam a história oficial em que legitimavam apenas personalidades da elite, da política, da igreja e de outros segmentos autoritários do Brasil. Logo o MC também saudava a nação, as histórias e os objetos dos detentores de poder local. Holanda (2012) nos diz que:

O ‘valor histórico’ dos objetos residia principalmente na sua “vinculação temática ou biográfica aos feitos ou figuras excepcionais do passado” (BEZERRA DE MENEZES, 1952). Folheando as páginas do *Boletim do Museu do Ceará (1935-1936) e dos Anais do Museu Histórico Nacional (anos 40 a 70)*, nota-se que as pesquisas desenvolvidas pelos museus de história, quando existiam, detinham-se praticamente na exploração das características materiais das peças e em verificar e garantir as suas ligações com as cenas e as personalidades “ilustres”. (HOLANDA, 2012, p. 5)

No entanto, com as transformações que aconteceram no espaço museológico se referindo a um novo plano de educação, espaço-reflexão em que a história e a memória do Brasil com todos os grupos e etnias se mostrem, também inspirados na Mesa Redonda de Santiago e o surgimento da Nova Museologia, como também já falei no capítulo anterior, o Museu do Ceará também repensa sua função, sua época, sua transformação. Buscando romper com “uma perspectiva que evidenciava apenas a atuação das elites, estimulando, a capacidade reflexão crítica e suscitando o respeito às diferenças que marcam nossa vida em sociedade.” (HOLANDA, 2012, p.7).

No próximo capítulo mostrarei as ações educativas com os quais o Museu do Ceará trabalha para a realização e a potencialização dessa percepção do olhar.

### 3.1 As ações educativas do museu do ceará a partir do ano de 2000

A partir da Gestão de Francisco Régis Lopes Ramos<sup>6</sup> no ano de 2001 como diretor do Museu do Ceará (MC) começaram a ser criadas e estudadas ações educativas que são utilizadas e ressignificadas até os dias de hoje. Ações estas que serão apresentadas aqui neste trabalho e especialmente o Projeto Dorinha. Faremos um breve relato destas ações educativas que existiram e permanecem numa ponte entre o visitante e o objeto deste espaço.

Em 2001, foi criado o Laboratório de Museologia – LAMU, com o intuito de estudar e dialogar sobre os museus históricos e as possíveis pedagogias que poderiam ser adequadas ao próprio espaço e o estudo dos objetos que compunham o acervo. Esse laboratório era aberto a toda comunidade que se interessasse sobre a temática. A partir desta, saíam programações relativas aos estudos, como exposições, seminários, artigos dentre outros.

No mesmo ano foi iniciada a I Semana Paulo Freire, uma iniciativa educativa que promove seminários, mini-cursos e palestras, gerando publicações nos “Cadernos Paulo Freire”, que atualmente se encontra em seu 12º volume. O nome do mini-auditório também é nomeado Paulo Freire “longe de ser uma homenagem póstuma (...) celebra a sua permanência entre nós. Fertiliza o compromisso com a ação educativa.” Afirma Régis Lopes em uma entrevista cedida a um Jornal local. (Museu do Ceará 75 anos, p. 296).

Mas não só o seminário e o mini-auditório carregam algo do grande educador, mas também saberes e práticas que trabalhariam a ação-reflexão, participação e aprendizado. Métodos freirianos são utilizados pelos educadores do MC, para uma interação e construção de conhecimentos com o público visitante como a “Pedagogia do Diálogo e da Pergunta”, métodos criados por Paulo Freire. Estes dois são de importância fundamental, pois durante a mediação esta se valem de comunicação e relação com quem chega, pois quando o indivíduo chega à instituição e observa aqueles objetos expostos, lê a temática da sala, já o leva a conhecimentos prévios associados aquilo visto e lido, e estes são relevantes e também interessantes para serem compartilhados com o grupo.

---

<sup>6</sup> Graduação em História, mestrado em Sociologia e doutorado em História. Desde 1994, é professor do Departamento de História da UFC. Cargos administrativos: Diretor do Museu do Ceará (2000-2007), Diretor do NUDOC - Núcleo de Documentação Cultural da UFC (2009-2011), Coordenador do Programa de Pós-graduação em História da UFC (2009-2010).

Esta troca de conhecimento na proposta da Pedagogia do diálogo, onde não só o educador é detentor de conhecimento, mas todos que estão presentes. Albuquerque nos afirma acerca dessa dialogicidade que:

Vai além de uma ação comunicativa entre as pessoas; significa a necessidade de resgatar a dimensão dialógica da aprendizagem, inerente a natureza humana, de compreender num processo coletivo de ação-reflexão, os condicionantes, a alienação, a determinação de classe; a problematização da própria vida; num processo dialógico, dá sentido aos conteúdos num processo contínuo de conscientização. (ALBUQUERQUE. 2001, p 137.)

Para fazê-los entrar nessa dinâmica, perguntas são desenvolvidas na intenção de que sejam respondidas, já que a proposta é construir um novo saber histórico junto aos educandos, desmistificando algumas informações que chegaram até eles sobre os fatos históricos que dão forma aos discursos que compõe a historiografia cearense. As práticas educativas e o conhecimento histórico de quem trabalha diariamente dentro da instituição Museu do Ceará não deve ser repassada, mas sim dividida, compartilhada, para que estas cheguem até os alunos e se tornem convidativas, despertando suas dúvidas e curiosidades, para que entendam melhor a real intenção de estarem ali e se sintam atuantes e confortáveis.

Ainda em 2001 foi lançada a primeira publicação da série intitulada “Coleção Outras Histórias”, com “Fortaleza Imagens da Cidade” de Antonio Luiz Macedo e Silva Filho, que retrata a historicidade de Fortaleza através da sala de exposição que também leva o mesmo nome. A Coleção Outra Histórias é mais um artefato do espaço que se propicia a abrir-se para os diversos campos que rodeiam o museu, a história, a antropologia, a sociologia, a educação e outros, para estudiosos, pesquisadores e interessados na temática. Ramos (2007) nos fala sobre a coleção dizendo que:

O Intuito é oferecer aos visitantes, sobretudo estudantes e professores, um meio de aprofundar o conhecimento sobre nossa história, abrindo espaço para novas temáticas e outras possibilidades de interpretações, a partir da pesquisa que se faz em parâmetros específicos de construção do saber. (MUSEU DO CEARÁ 75 ANOS. 2007, p.292).

Atualmente esta Coleção se encontra com 69 publicações, com temáticas diversas, sendo que alguns já tiveram sua 2º reedição e já se esgotaram. Esta ação vem sendo um grande veículo de divulgação de produções científicas em que se revelam novas perspectivas e novos olhares de assuntos em comum e também a revelação de grandes pesquisadores locais, partindo do singular para o plural, saindo das academias para a população.

Visto que o museu trabalha o objeto como instrumento de conhecimento, contemplação, reverberação e raciocínio, práticas pedagógicas precisam ser pensadas para que

o público perceba-o com um olhar reflexivo, pois “no cotidiano, usamos uma infinidade de objetos: desde a televisão até uma roupa. Por outro lado, raramente pensamos sobre os artefatos que nos cercam” (RAMOS, 2001, p 7). Entretanto, é preciso fazer com que o visitante se interesse a lançar um olhar crítico e indagador sobre os objetos e situações que o cercam, não somente dentro do espaço museológico, mas também para a vida diária. Ramos (2001) compartilha desse pensamento falando que:

Se pouco refletirmos sobre nossos objetos, nossa percepção de objetos expostos no museu será também de reduzida profundidade. Sem o ato de pensar sobre o presente vivido, não há meios de construir reflexões sobre o passado. E o próprio conhecimento do atual já pressupõe referências ao pretérito. (RAMOS. 2001, p.7)

Aqui entra a alfabetização museológica falada anteriormente, inspirada e no método Paulo Freire (RAMOS, 2004) com as “palavras geradoras”, sendo aqui o objeto gerador. Entende-se também que o professor antes de levar seus alunos para o museu, também trabalhe esta alfabetização em sala de aula. Como o Museu do Ceará trabalha isso? Que métodos ele utiliza? A historiadora Cristina Holanda nos fala sobre como trabalhar essa ação quando nos diz que:

1. Desenvolva em sala de aula, antes de chegar ao museu atividades que propiciem o contato do estudante com diferentes objetos. É preciso que eles percebam que os artefatos podem nos fornecer muitas informações a respeito da sociedade que os produziu e se transformou a partir dos seus usos.
2. Selecione um “objeto gerador”, um objeto de inserção significativa na vida cotidiana de seus alunos, para iniciar as atividades. Levante questionamentos sobre a sua estrutura física (cor, tamanho, cheiro), quando e como foi fabricado, a sua funcionalidade atual, as vantagens e desvantagens de seu uso, etc.
3. Crie situações onde o “objeto gerador” seja explorado. Solicite a criação de histórias coletivas ou individuais em que esse objeto tenha um papel decisivo. Compare esse objeto com outros que também fazem parte da experiência vivida. Peça que os alunos colem depoimentos de pessoas mais velhas sobre a utilização de “objeto gerador” em outros tempos. Caso seja um objeto que não existia anteriormente, pergunte como as pessoas viviam sem ele, quais as mudanças observadas no comportamento dos indivíduos após a sua invenção.
4. Também discuta com antecedência o funcionamento do museu. Leve os alunos a refletir sobre: o respeito que deve ser dedicado aos monitores que estão conduzindo a visita, pois são pessoas preparadas para o desempenho de sua função; a proibição de alimentos nas exposições, para evitar danos ao patrimônio; o impedimento de fotografar, filmar, ou tocar nos objetos, para que os mesmos possam ser preservados adequadamente; a solicitação de falar em baixa voz para que todos possam ser escutados. Essas questões, quando retomadas no museu, serão mais bem compreendidas.
5. Estimule a participação dos estudantes no espaço museológico. Observe se

eles estão prestando atenção aos questionamentos do monitor. Não permita que eles se distanciem do grupo. Ajude-os a promover perguntas sobre os objetos que estão vendo. Promover a pergunta é mais importante do que dar respostas prontas, pois aguça o debate e a consciência crítica.

6. Ao retornar a sala de aula, desenvolva novas atividades que permitam aos alunos refletir sobre o que viram e ouviram no museu. Esse é um passo importante para que o professor avalie o aprendizado dos educandos e mensure os aspectos positivos da visita.

7. Com o amadurecimento do trabalho continuado com os objetos geradores pode-se envolver os estudantes na montagem de uma exposição comunitária, envolvendo a escola, o bairro, a paróquia, etc. Fotografias, objetos diversos, depoimentos podem ser coletados para montar exposições temáticas, sobre a história da urbanização, dos movimentos sociais no bairro, etc. (OLIVEIRA, 2007, p.28)

Assim quando os grupos chegarem ao Museu do Ceará, já estarão preparados para o que verão e aprenderão e o educador que mediar a turma conseguirá construir de forma proveitosa o conhecimento junto aos estudantes. Muitas vezes, mesmo um professor bem intencionado com a visita ao museu não faz ideia do quanto este espaço educativo pode ser útil para a expansão do conhecimento histórico dos alunos e para além dele. E o educador museal precisa tornar claro que o espaço abre um grande leque de possibilidades para o ensino e aprendizagem e que este espaço é primordialmente um espaço educativo.

Sim, o museu como espaço educativo informal nos traz a vantagem de podermos nos ver desprendidos de certas amarras, por exemplo, os alunos não serão submetidos a testes de aprendizado e não será imposto a eles ver as exposições como um exercício obrigatório. Porém, para que esta visitação possa ser realmente um ato educacional satisfatório para a aprendizagem dos visitantes, se faz necessário torná-los cientes de que eles são também os “responsáveis” por sua própria aprendizagem.

É um pensamento comum aos educadores que o conhecimento é algo inacabado e mutável, com o conhecimento histórico não seria diferente, para isso o museu precisa se fazer entender como um espaço dinâmico. Por não termos como regredir no tempo e fazer uma viagem ao passado, mesmo estando em um museu “histórico”, temos que construir com os educandos a ideia de que os objetos que constituem as exposições do museu são objetos que tem que ser “re-conhecidos” como objetos comuns e que estes ali se apresentam como registro de uma época que assim como a atual já foi presente. “[...] é pela conexão íntima entre o passado e o presente que a História possui incessantemente o mundo e age sobre a vida, como a vida age sobre a História”. (RODRIGUES, 1978 apud LIMA, 2010, p.118)

Entendendo a disposição dos objetos que compõem as exposições, o público visitante poderá vir a entender que assim como as exposições são construídas, os fatos

históricos também os são. Para alcançar esse objetivo é preciso fazer uma real aproximação entre objeto e os que visitam o museu. Então para que os professores soubessem desta alfabetização museológica e os atraíssem a conhecer o Museu do Ceará foi criado o curso “Como visitar um museu histórico” um projeto de ação educativa em museus com carga horária de 4h/a. O curso é aberto não só o professor interessado em trazer sua turma, mas também ao público em geral, para que pudesse conhecer melhor o espaço e sua prática social.

O museu “não pode ser confundido com centros de pesquisas ou de aula (embora faça pesquisas e dê aulas), nem com instituições de recreação (embora assuma o caráter lúdico)” (RAMOS, 2004, p. 12), ele é um lugar de produção de saber e seu público precisa conhecê-lo de forma mais próxima e profunda, uma vez que este é um espaço múltiplo no que diz Ramos (2004, p.12) que “a peculiaridade do museu se realiza em múltiplas interações: com tramas estéticas e cognitivas, em análises e deslumbramentos, na dimensão lúdica e onírica dos fundamentos historicamente engendrados que constituem o espaço expositivo”.

O curso acima citado tem como objetivo debater a forma e os elementos motrizes das ações educativas, buscando pensar e refletir os teóricos e métodos utilizados dentro do espaço, sua importância e atuação. Como também orientando para as construções de novas ideias para o espaço museológico e para além dele.

O conteúdo programático do curso se desenvolve com momentos ou unidades, sendo três no total. Onde a primeira discute propostas pedagógicas dentro de um museu histórico e as estruturas básicas como o núcleo educativo, pesquisas, a própria exposição e a reserva técnica, este último é o lugar onde se encontra todos os outros objetos que não estão em exposição. Também um breve síntese da trajetória dos museus aqui no Brasil e sua influências internacionais, a sua função e diferenças dentre outras categorias de museus.

O segundo momento é uma visita guiada, onde se percebe o funcionamento e dinâmica das salas de exposição, refletindo um novo olhar sobre o objeto, e os métodos educativos e didáticos em ação para a compreensão dela. E o terceiro uma visita à reserva técnica para que se compreenda como os objetos são eleitos a partir dali para a exposição e sua conservação. Todo o processo se tem como metodologia a roda de conversa com base na Pedagogia de Paulo Freire. Os participantes também ganham um material didático composto por uma apostila. Sobre a valia desta oficina Rodrigues (2007) nos diz que:

O objetivo de tal oficina é apresentar ao professor as novas perspectivas dos museus históricos, despertando-o para o potencial que o contato com os objetos pode proporcionar. Assim, o professor renova seu olhar em relação ao papel educativo

dos museus, desconstruindo uma visão tradicional que ainda se faz bastante presente. (RODRIGUES, 2007, p.29.)

Contudo, esta oficina garante ao professor uma melhor compreensão sobre o espaço e o influencia a trabalhar com seus alunos a concepção do museu em sala de aula antes de ir para a visita. Isso acaba fazendo com que a visita seja mais rentável, ou seja, o grupo irá chegar com uma preparação prévia, podendo até participar mais e se dispor a construir um conhecimento junto a turma toda com o educador museal.

O Núcleo Educativo do Museu do Ceará é composto por um coordenador e estagiários do curso de História e Pedagogia e outras áreas das humanas da Universidade Estadual e Federal do Ceará. Para os estagiários e/ou educadores é feito um processo de seleção a partir da abertura de um edital pela Secretária de Cultura do Estado do Ceará – SECULT, a cada dois anos onde são selecionados mediante seu currículo e entrevista. A duração do estágio é de dois anos e para sua atuação também recebem uma bolsa de valor determinado pelo Estado. Sua função é fazer os agendamentos de turmas a visita ao museu, recepção e atendimento ao público em geral, a guarda de acervo e a tão importante e já falada mediação.

As turmas destinadas à visitação com a mediação têm uma recepção que acontece com o intuito de que os educandos possam perceber de uma forma breve e de fácil entendimento o museu como esse lugar que se destaca como um espaço em que eles vão vivenciar ações que os levarão a entender melhor a história do Ceará e suas próprias histórias.

Também se faz necessário um trabalho de sensibilização no que diz respeito ao desenvolvimento de um pensamento crítico sobre os cuidados com a conservação do acervo<sup>7</sup> e do próprio prédio. Seria impossível o museu contar toda a história do Ceará e também não se tornaria atrativo para o público tentar entender tudo isso. Pensando nessa vertente as exposições foram divididas de forma temática, o que facilita muito a aplicação de ações que implementam a ideia da história-problema. É preciso entender a história não como uma narrativa de acontecimentos tradicionais, políticos e da elite, mas sim uma história que tenha na essência de sua abordagem uma visão mais voltada para o cotidiano e para o sócio-cultural. Desta forma, o aprendizado se torna mais global, inter e transdisciplinar e atrativo. Assim em vez de somente responder a perguntas, podemos também fazê-las para melhor nos entendermos, educando e educador.

---

<sup>7</sup> Esta conservação também tem haver com a preservação física do objeto, contribuindo para que este mesmo possa continuar a ser conhecido pelas gerações futuras.

Todas as ações educativas faladas anteriormente se fazem valer pelo trabalho do educador, pois estes que constroem junto ao visitante uma alfabetização museológica através dos debates oferecidos a partir da temática da sala que permeiam a história do Ceará. Santos (2010), ex-educadora do Museu do Ceará e também pesquisadora, nos afirma acerca do papel do educador que:

Ao ser instigado, o público visitante age e reage as provocações feitas na mediação, aguçando os sentidos diante do que é visto no espaço expositivo. O papel do monitor no Museu do Ceará é de um educador que trabalha numa perspectiva freiriana da 'pedagogia da pergunta', com o objetivo de instigar nos visitantes reflexões sobre as exposições (...) numa relação dialógica. (SANTOS, 2010,p. 37)

Sua formação se dá a partir da leitura de livros e artigos relacionados ao Museu do Ceará, História do Ceará e do Brasil, Educação, Antropologia e temas afins, que atravessam os assuntos encontrados nas salas de exposição. Também se reúnem a cada quinze dias para grupo de estudo, debates das leituras, trocas de saberes, informes internos, construção de programação junto a direção, confraternizações etc. Este estágio contribui na formação profissional e acadêmica dos educadores.

Porém, não se pode perder de vista que esse amadurecimento das ações por parte do educador é um processo gradual, porém limitado pelo tempo de permanência dos estagiários que atuam na ação educativa. Santos (2010) ex-educadora do museu também compartilha seu sentimento sobre este tempo determinado ao estagiário.

A formação dos estagiários compreende um período de dois anos. Após esse período outro grupo é selecionado – aspecto considerado como uma limitação á continuidade das ações educativas. Esse quadro oscila conforme as mudanças de governo, como, por exemplo, em alguns momentos, o número de mediadores tem sido reduzido pela metade ou menos. (SANTOS, 2010, p.37)

O educador, então, encontra vários desafios dentro de sua função. Um desafio que se configura frente a esse encontro entre museu e o educando é reconhecer e lidar da melhor forma possível com a diversidade destes grupos estando atento a toda bagagem cultural, social e psicológica que o educando traz consigo para dentro do museu. Para se ter um trabalho eficaz, uma ação realmente pedagógica, é necessário estar atento as necessidades, anseios e desejos dos que forem atendidos, buscando perceber e valorizar seu ambiente sociocultural. E para isso precisamos tentar entende-los, mesmo que minimamente, levando em conta que nunca os vimos, que diferentemente do educador que atua no espaço formal, o educador museal não tem um contato diário ou periódico com estes e que muitas das turmas atendidas

no museu têm uma diversidade étnica, cultural, social e de faixa etária que diferem de educando para educando.

Quando um grupo procura o museu pela primeira vez, entra outro desafio ao educador, que é de mostrar o museu como um espaço do qual estes mesmos vão se utilizar, saciando suas curiosidades, aprendendo e construindo melhores reflexões sobre este lugar como um espaço onde se pode aprender.

Faz-se necessário estimular produtores de cultura e não apenas meros ‘consumidores’ dela, como tem acontecido pela cultura midiática e pelas megaexposições em espaços culturais que jogam sobre os consumidores um turbilhão de informações sem que estes tenham se quer tempo de processá-las. Contrariamente a esta atitude, o papel educativo dos museus, em particular os de história, o que mais importa é a reflexão, a consciência histórica, política e a cultura para o aprimoramento da formação humana. (SANTOS, 2010, p. 68)

Importante relatar que atualmente o Museu do Ceará se encontra com oito módulos de exposições de longa duração das quais são separadas por temáticas, que fazem parte da exposição Ceará: História no Plural, são elas: a primeira :Memórias do Museu (esta inativa, por falta de espaço ). Povos Indígenas: Entre o Passado e o Futuro. A segunda: O Poder das Armas e As Armas no Poder. A terceira: Artes da Escrita. A quarta: Escravidão e Abolição. A quinta: O Calderão. A sexta: Padre Cícero: Mito e Rito.e a sétima: Fortaleza: Imagens da Cidade. Todas localizadas no andar superior do prédio. Já no andar inferior se encontram as salas de exposição temporárias, das quais a cada 2 a 4 meses se trocam, e também a sala do Frei Tito, permanente.

Não podemos esquecer que dentro desse público que visita o MC estão as crianças e para ela também foi criada uma ação educativa que as auxiliem em sua compreensão sobre os objetos que irão subsidiar o ensino da história do Ceará. É sobre esta ação educativa conhecida como “Projeto Dorinha” que venho pesquisar, debater e analisar neste projeto de Trabalho de Conclusão de Curso. A seguir nos aprofundaremos sobre esta ação tão relevante para a criança, público visitante do Museu do Ceará.

Enfim, neste capítulo busco mostrar um pouco do espaço museológico, suas transformações e desenvolvimento interno. Mostrar que este campo está intrinsecamente ligado à educação e que sem esta, ele não passaria de um espaço apenas de observação e catalogação, mas que com esta ele se torna reflexivo e educador. E que, no entanto, ainda não é o bastante, como nos diz Santos (2008, p. 18) “a instituição museu não é um produto pronto, acabado. É o resultado das ações humanas que o estão construindo ou reconstruindo a cada

momento; portanto, é resultado da prática social”. No próximo capítulo buscaremos dissertar sobre o Projeto Dorinha, o objeto de estudo desta pesquisa.

## **5 CONTRIBUIÇÕES DO MUSEU DO CEARÁ PARA A CRIANÇA EM SEU PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O PROJETO DORINHA.**

Neste capítulo busco mostrar a origem do Projeto Dorinha no Museu do Ceará (MC), sendo o recorte histórico desde sua criação em 2001 até o ano de 2012. Junto a esta pesquisa sobre a origem e trajetória do projeto também será embasada teoricamente e através de entrevistas feitas com os idealizadores do projeto. Buscando analisar sua importância como recurso pedagógico que auxilia a criança a aprender não somente o ensino de história sendo refletido através dos objetos, mas também como o contato das crianças com o objeto refletido de forma lúdica favorece a uma consciência histórica e identitária.

O público infantil é frequentador assíduo do MC, tanto trazidos por seus pais quanto em excursões de escolas. O processo de aprendizagem infantil é diferente dos adultos, pois suas capacidades cognitivas, motoras e psicossociais estão em desenvolvimento, logo é necessário que o museu crie ações educativas que insiram as mesmas de maneira apropriada à sua forma de aprendizado. Principalmente, quando o espaço do qual estamos nos referindo é um museu de história e os objetos museais que serão encontrados, em sua maioria, pertenceram a gerações passadas, não sendo encontradas no cotidiano da criança, como por exemplo, modelos de vestimentas, mobiliários de uma casa, entre outros.

Piaget (1970), estudioso das fases do desenvolvimento da criança supracitadas, classificou-as em estágios e/ou etapas das quais são: Sensorio-motor, quando nesta etapa a criança descobre o mundo através dos sentidos, ou seja, ela necessita pegar, ouvir, olhar os objetos. Nesta etapa as ações são involuntárias, ou seja, ocorre por reflexos. Período Pré-operatório nesta etapa a criança passa por um período de egocentrismo. Aparece a função simbólica, como por exemplo, um cabo de vassoura é cavalo, uma boneca é uma criança, etc. Aqui começam a ser adquirida a noção de espaço e tempo, mas não consegue compreender as transformações ocorridas. Período Operatório Concreto, onde a criança já consegue usar a lógica para a resolução de seus problemas concretos. Conhecendo, então, as fases do desenvolvimento infantil, podemos mostrar a necessidade do espaço museológico pensar em métodos educativos para que esse público consiga aprender dentro de um museu.

Torna-se de grande responsabilidade para o espaço museal ser didático e interativo, em que a criança consiga perceber a história de seus antepassados se entrelaçando com o presente, de maneira lúdica, criativa e interessante. Principalmente em uma sociedade tecnológica, onde as informações são rápidas e atrativas, a exemplo do computador e a

internet. Como uma criança iria gostar de um local onde teria muita “coisa antiga”? A seguinte fala de Leite (2010), onde busca mostrar a magnitude do museu que pensa no aprendizado da criança e se propõe a pensar métodos pedagógicos para incluí-la, servirá como ponto de partida e norteará o desenvolvimento deste capítulo.

[...] defendo que a relação museu-criança deva estruturar-se na possibilidade de provocar os sentidos e favorecer as descobertas, convidando a imaginação para o centro do palco – o que significa, na prática, oportunizar experiências múltiplas às crianças nos museus. Mais do que ver/olhar; ou ainda mais do que a vivência sensorial [...] os objetos são dotados de uma linguagem própria – a linguagem pedagógica das coisas – e essa experiência com eles nos deixam marcados na carne. Para que então, essa experiência ocorra no museu, faz-se necessário, sobretudo, rever as formas de comunicação, que incluem toda a ação educativa; a organização dos espaços; as mensagens escritas etc. a fim de acolher de forma qualitativa o público infantil: analisar a facilidade da inteligibilidade das mensagens; a visibilidade das obras (altura etc.) e, sobretudo, nas ações educativas, entender primeiramente que a fruição das crianças necessita de um outro tempo, diferente, singular: tempo para elaborar sentimentos, (re)viver, abrir as portas da magia, da imaginação; tempo para estabelecer relações com o mundo fora de si mesma. (LEITE, 2010, p.2)

Os museus são espaço onde as pessoas de todas as idades podem adentrar e interagir. As crianças, como frequentadoras deste local, claro que acompanhadas de um adulto, se utilizam deste espaço como campo de conhecimento e lazer, garantindo e reafirmando um dos princípios da Declaração dos Direitos da Criança<sup>8</sup> quando se afirma que a criança tem o direito a educação e também de divertir-se.

Em entrevista com Kenia Sousa Rios, ela nos relata como foram os primeiros passos para se pensar uma ação educativa voltada para as crianças. Algumas crianças da família do Diretor do MC visitavam sempre o museu. A professora Kenia Rios, por iniciativa própria, levou marionetes para testar com estas crianças uma maneira lúdica e atrativa de fazer a mediação das salas de exposição. Durante o percurso, ela fazia várias perguntas às crianças, animando a visita e orientando o olhar delas a reflexão sobre os objetos ali expostos, interrogando sobre o que elas sabiam sobre eles, de onde elas achavam que eles vinham, de que eram feitos, e todo o diálogo foi sendo estabelecido com o intermédio das marionetes.

Esta atividade foi bastante favorável às crianças e também para Kenia Rios que junto ao núcleo educativo e o diretor começaram a pensar a possibilidade de trazer uma metodologia que partisse do objeto, já que um museu é um espaço de objetos e o objeto mais lúdico para uma criança seria o brinquedo, afirma Kenia.

---

<sup>8</sup> Ver em <http://www.portaldafamilia.org/datas/criancas/direitosdacrianca.shtml> os princípios da Declaração do Direito da Criança. Data de acesso em 13/02/2013.

Brougère (2004) fala a respeito desta relação entre o brincar e a criança, onde elas aprendem brincando com os brinquedos/objetos:

Mas o brinquedo possui outras características, de modo especial a de ser um objeto portador de significados rapidamente identificáveis: ele remete a elementos legíveis do real ou do imaginário das crianças. Neste sentido, o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definimos a cultura como o conjunto de significações produzidas pelo homem. Percebemos que ele é rico de significados que permitem compreender determinada sociedade e cultura. (BROUGÉRE, 2004, p.8)

Após esta experiência com as marionetes surgiu a ideia da criação de uma ação educativa direcionada especialmente ao público infantil que auxiliasse a criança a viver o ambiente e aprender o ensino de história do Ceará de maneira lúdica, mas não excluindo o aprendizado de forma crítica e reflexiva. Criou-se, então, o Projeto Dorinha pelo Museu do Ceará, que tem sido um recurso pedagógico de grande relevância para o aprendizado da criança com relação ao espaço e ao ensino de história oferecido pelo Museu através das salas de exposições.

O Projeto Dorinha foi criado em 2001 na gestão de Régis Lopes, foi idealizado por ele, Kenia Rios<sup>9</sup> e Ecila Meneses<sup>10</sup> junto ao núcleo pedagógico desta gestão com a intenção de trabalhar de forma didática, lúdica e educativa com o auxílio do teatro como recurso pedagógico para o público infantil, que contribuísse para a construção de conhecimentos, reflexão e aprendizado no processo de visitas às salas de exposições.

Kenia Rios diz que logo no início da gestão do Professor Régis Lopes houve uma reelaboração das salas de exposições, das temáticas e os objetos que seriam selecionados para compor o acervo nelas.

Havia também uma grande preocupação em trazer mais escolas para visitar o Museu do Ceará, pois para Régis *“não adianta só ter teatro no museu, é preciso ter uma articulação com as escolas. Sem o envolvimento dos professores, sem as atividades em sala de aula, não adianta ter programa educativo.* Dentro desta preocupação com o público, também deveria ser pensado uma ação educativa para o público infantil, visando a importância da criança perceber e pensar o tempo histórico, dentro de um espaço antigo, que a princípio não poderia dizer muito para ela. Esta preocupação de inserir a criança no

---

<sup>9</sup> Kenia Sousa Rios é graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará (1997), mestrada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999), e doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Atualmente professora adjunta da Universidade Federal do Ceará do Departamento de História.

<sup>10</sup> Possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Ceará (1993) e mestrado em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal do Ceará (2003). Atuando atualmente nos seguintes temas: Teatro, Cultura, Estética, Ator, Dança, Formação do artista.

conhecimento de tempo histórico é de grande pertinência. Sobre isto Bergamaschi (2000) nos diz que:

A aprendizagem do conhecimento social é um direito [...], e o campo da história é primordial para produzir essas identidades socioculturais cidadãs e democráticas, principalmente no que tange à compreensão das noções de ‘espaço’ e de ‘tempo’ e da inserção dos sujeitos, individual e socialmente, nos diferentes tempos e espaços. (BERGAMASCHI, 2000, p. 1)

A atriz Ecila Meneses foi convidada a participar desta ideia criando uma personagem que estivesse inserida dentro das propostas das quais o museu trabalha. Ecila criou a boneca Dorinha e ela mesma dava vida à boneca e encantava a todas as crianças. A esta iniciativa também foi criada uma cartilha intitulada *As aventuras da Boneca Dorinha no Museu do Ceará* que serve como um recurso a ser trabalhado com os professores e as crianças em sala de aula antes de visitarem o museu, com o objetivo de atrair o público infantil até doze anos.

O projeto Dorinha tem o teatro como recurso e este por sua vez vem sendo um instrumento de comunicação e linguagem desde os tempos antigos, e quando junto ao conhecimento de determinado assunto estabelece “o caminho de como ensino e aprendizagem pode ser de maneira atrativa e instigante, facilitando uma porta aberta para dentro de si mesmo e para outros mundos” (MACENA, 2008, p.3), ou seja, o teatro pode nos remeter ao contato e a experiências em forma de aprendizados, de maneira lúdica e pelas representações. Cenário, adereços, texto e dramatização fazem com que o indivíduo aprenda com a sua subjetividade e objetividade, pois “o ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade” (RABELO, 2008, p.15). Logo o museu como campo de conhecimento e interdisciplinalidade, à arte não poderia estar fora dele.

A boneca Dorinha foi pensada como uma criança de aproximadamente 7 anos de idade, falante e inteligente. As crianças nesta idade são muito curiosas e a boneca, remetendo à pedagogia do diálogo, faz muitas perguntas para que as crianças pensem em suas respostas e interajam. Sobre Dorinha, Ecila Meneses nos diz que:

Ao tentar traçar um perfil da personagem tem-se que incluir a postura permanente de inocência, espanto e curiosidade. Estas características são os motores de toda sua ação cênica. O encantamento com o museu e sua avidez de se tornar mais inteligente, são justificativas para suas atitudes que vão desde o ato de perguntar e responder explicando corretamente ou errando para chamar a atenção dos alunos para possíveis equívocos do entendimento, até a brincadeira e piadas, fazendo da Dorinha uma menina do grupo. Além disso, ela é um misto de bem-humorada e atrevida. (MENESES, Palestra ministrada na I Semana Paulo Freire 2001)

Usava um vestido referente a épocas passadas, que fora emprestado pelo acervo do Theatro José de Alencar, com babados e laços, sem exageros, para que a roupa não dispersasse a atenção e tirasse o foco da sala e dos objetos. A maquiagem foi inspirada na *commedia dell'art*<sup>11</sup> com rosto branco, bochechas rosadas se aproximando mais com um rosto de boneca. Com adereços como uma cesta de cipó cheia de flores, frutas, garrafas de água e também um rádio antigo. Com vistas à conservação, a cestinha com utensílios alimentícios servia para mostrar que não se pode entrar nas salas de exposição portando alimentos e bebidas e o rádio antigo, era utilizado para contar um pouco da história do mesmo levando a criança a perceber de forma breve o valor histórico dos objetos. Sobre suas características, uma matéria no Jornal O Povo em 2001, nos fala assim:

Blém, blém, blém. O tilintar estridente do chocalho avisa. É Dorinha, a boneca de pano, que chegou para uma visita. Marias-chiquinhas enroladas em pitós, narizinho arrebicado à moda Emília (do Sítio do Pica-Pau Amarelo), Bochechas róseas em uma cara de talco e, por debaixo da saia fofa de babados, grandes calções de cetim. Gasguita, enxerida, perguntadora. Na escadaria do centenário prédio do Museu do Ceará, no Centro de Fortaleza, ela quer saber: É um castelo? Um colégio? Uma igreja? (Materia do Jornal o povo, “A boneca do Museu” 12 de outubro.)

Dorinha chega chamando a atenção dos visitantes para ela no auditório Paulo Freire, lugar onde é feita a recepção das turmas que visitam o museu. A personagem pensa estar em uma escola, sem entender ainda o que é um museu. Faz várias perguntas sobre o lugar para todos, tanto para o educador quanto para as crianças. Logo no auditório são respondidas todas as dúvidas quanto à visita ao museu, como o comportamento adequado e o que irá encontrar.

É comum, as crianças nunca terem ido ao museu anteriormente. Logo é necessário uma breve educação patrimonial mostrando o valor daqueles objetos expostos e como salvaguardá-los, enfatizando que eles precisam de sua ajuda para que futuras gerações também possam conhecê-los. É nesta hora que a cestinha com vários alimentos e bebidas é utilizada como exemplo do que não se pode portar durante a mediação, pois poderá sujar ou molhar os objetos e que também não se pode tocá-los, estabelecendo regras de conservação.

O teatro e o museu unem-se em um processo educativo, interativo e transformador, fazendo com que a visita da criança ao museu seja marcante e lúdica, conhecedora da história do Ceará, pois “fornecer somente dados é eliminar o processo educativo, assim como negar o lúdico é deixar a educação carente de animo criativo”.

---

<sup>11</sup> Estilo do sec. XV surgida na Itália, cômico e que tem como características o uso de maquiagem para ressaltar o rosto do personagem.

(RAMOS, 2001, p. 29). Desta forma despertará na criança a vontade de voltar muitas outras vezes.

Esta iniciativa de criar uma ação educativa para as crianças dentro de um museu que aborda a história do Ceará é de grande relevância para a criança que visita o espaço, pois a mesma não tem uma noção aprofundada da relação de espaço e tempo como a de um adulto, ela vê e percebe a história com outro olhar a partir de sua vivência e do que lhe foi apresentado. Assim sendo, a criança precisa aprender sua história, a história de seu lugar, do mundo. Sobre esse conhecimento que a criança tem de espaço e tempo diz que “os conceitos de tempo e espaço não são inatos no ser humano.” (IN RIBEIRO E MARQUES, 2001, p.12) e nessa respectiva ordem de espaço e tempo nos afirma que:

O primeiro vai se constituindo a partir de interiorizações gradativas de relações de causa e efeito, decorrentes das experiências vivenciadas pelas crianças. Assim, não é fácil, sob ótica infantil, compreender, de imediato, a linha de tempo que ela, criança, estabelece; é necessário, portanto além de um período de vivência, um confronto entre essas duas linhas, estimuladas e exploradas os seus diversos aspectos, para que a criança compreenda e desenvolva as relações temporais que os adultos estabelecem. (idem, ibidem)

E sobre o tempo, Dias também nos fala a relação da criança com o espaço quando denota que:

O segundo conceito, por sua vez, se estabelece e se desenvolve, não por simples influências de mecanismos motores perceptivos, mas a partir de relações com objetos, ações e representações coordenadas. Exige, portanto, linguagem e representação figurada (função simbólica), relações topológicas de proximidade, de distanciamento, de junção e de separação, de verticalidade e de horizontalidade, de envolvimento, de ordem, além de relações métricas e projetivas. (idem, ibidem)

Na escola, o ensino de história é aprendido através da escrita, ou seja, dos livros, já em um museu histórico a aprendizagem é feita a través dos objetos. O museu irá mostrar acontecimentos de épocas passadas com os objetos, como por exemplo, os alunos da 3º série estudam a história de Fortaleza, chegando ao Museu do Ceará, eles podem perceber no módulo “Fortaleza Imagens da Cidade” onde se percebe através de uma réplica a primeira planta de Fortaleza, enquanto vila, e a partir dela uma maquete a representando, assim facilitando a criança imaginar como seria sua cidade antes dela e de seus pais, há muitos anos atrás.

Neste sentido “só o trabalho a partir da realidade mais concreta e próxima dessas crianças pode propiciar o desenvolvimento das noções espaço-temporais”. (MARQUES E RIBEIRO, 2001, p. 39.) E se a criança estiver aprendendo de forma lúdica o resultado é de maior compreensão e qualidade, como estímulos “que possibilitem um progressivo contato

com realidades mais amplas e complexas”. (MARQUES E RIBEIRO, 2001, p. 39.)  
Compartilhado com esta ideia de que a ludicidade auxilia a criança a aprender história, Ribeiro e Marques nos dizem que “Músicas, dramatizações, pinturas, gravuras, teatro de bonecos, podem contribuir para aproximar as crianças da complexidade das relações sociais que se realizam num determinado espaço, numa determinada época.” (MARQUES E RIBEIRO, 2001, p. 81)

Nesta concepção, o teatro da Dorinha faz a criança perceber o museu de maneira lúdica, pois a personagem Dorinha acompanha as mediações feita pelo educador. Este ultimo, trabalha a historicidade dos objetos situando-as na própria história do Ceará. A criança aprende e se diverte com a presença da boneca Dorinha, descobrindo o passado de sua cidade e expandindo seus conhecimentos sobre sua identidade local, se reconhecendo enquanto indivíduo fazedor de cultura, isto é, de caráter imprescindível para sua formação em dimensões emocionais, sociais e cognitivas, processo feito através do estudo e ensino da história. Cooper (2006) relata acerca desse aprendizado da criança com o passado dizendo que:

Descobrir sobre o passado envolve todos os aspectos da vida humana. [...] Desenvolver um senso de tempo através das histórias, história familiar, e visitas a locais históricos envolve muitos aspectos do desenvolvimento pessoal e social, e como as crianças aprendem sobre sua própria cultura e comunidade, bem como suas semelhanças e diferenças com outros, desenvolvendo um senso de pertencimento. (COOPER, 2006, p. 183)

A citação acima se adéqua com o que o Projeto Dorinha trabalha. Quando se é um lugar histórico e que também conta história partindo do diálogo na intenção de proporcionar um momento rico e reflexivo à criança, colocando-a em contato com a história local de sua cidade. Cooper também fala sobre a importância do teatro como um veículo rico e poderoso, pois servem “de metáforas para suas vidas, preocupações e interesses e as ajudam a se engajarem com as principais correntes de emoções que as ligam a outros tempos e lugares” (COOPER, 2006, p.183), sendo a personagem Dorinha uma figura lúdica que atrai as crianças para o aprendizado que será trabalhado pelo educador. Este último deve estar preparado para o atendimento e mediação com as crianças, já falado anteriormente.

As crianças, por sua natureza são bastante curiosas, sempre estão querendo conhecer o mundo em que vivem e aprender a estar nele, convivendo em sociedade. Levá-las ao museu significa saciar algumas de suas curiosidades, aprendendo com os objetos, e o quão

legal seria se ela chegasse a este espaço e encontrasse meios para se divertir diferentemente de como acontece em seu cotidiano. Leite (2011) nos diz que:

Os museus constituem-se como espaços de curiosidade, que vão ao encontro da necessidade permanente que a criança tem de investigar o e indagar sobre o mundo, uma vez que são locais que privilegiadamente abrigam a diversidade natural; bem como podem dedicar-se a acolher a pluralidade dos modos de ser, agir, viver, sentir e expressar-se dos povos. (LEITE, 2011, p. 51)

Por sua vez, a boneca Dorinha contagia as crianças a se encherem de curiosidades e que se sintam à vontade para tirá-las com o educador, partindo do exemplo da personagem que tira todas as suas dúvidas questionado os mediadores. Nesse processo é levada em conta a opinião da criança, seus exemplos de vida e seus conhecimentos prévios ao assunto abordado, mesmo que falem equívocos, estes sendo logo esclarecidos, pois ao estarem ali, todos aprendem e constroem conhecimentos, até o educador também aprende com as crianças, pois é nesta liberdade dialógica “em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no repeito a ela” (FREIRE, 1996, p. 60).

Este processo é mais evidenciado nas crianças que ainda estão em fase de desenvolvimento e conhecimento de mundo, mas isto não significa que os adultos estejam prontos e acabados e não necessitem de novos conhecimentos e aprendizagens, pois estes apenas são mais experientes. Freire (1996) relata que “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” (1996, p. 60), ou seja, estamos sempre aprendendo, em qualquer lugar e em qualquer idade, e as crianças também fazem história e cultura, respondem e fazem questionamentos, tudo a seu modo e com seus meios (SANTOS, 2010).

Em um relato a uma matéria de jornal Ecila Meneses diz que: “*Eles sabem que Dorinha é uma boneca, mas facilmente entram no imaginário dela*” e que “*o objetivo do teatro-história é ajudar a construir o pensamento da criança na visita ao museu*”, fazendo com que o espaço museológico se constitua para a criança em um campo de fruição de conhecimento, onde sua imaginação infantil desbrava o passado através dos objetos, lhe iluminando caminhos e tirando suas dúvidas sobre o passado de seus antepassados, em uma relação provocadora e instigadora, reconhecendo-se como fazedora de cultura dentro de um processo contínuo e que muitas coisas existiu antes dela. Quem sabe motivando até para gostar de história, muitas vezes desenvolvida de forma desinteressante na escola, onde a memorização de dados e nomes se tornam enfadantes. Nesta relação da criança com o museu Leite diz que:

Nos museus, a constituição identitária da criança é aflorada pela possibilidade de ver os objetos e ver-nos nos objetos. É nessa dinâmica alteridade/identidade que ajuda na construção de sua percepção de si como sujeita de cultura. (LEITE, 2010, p.44)

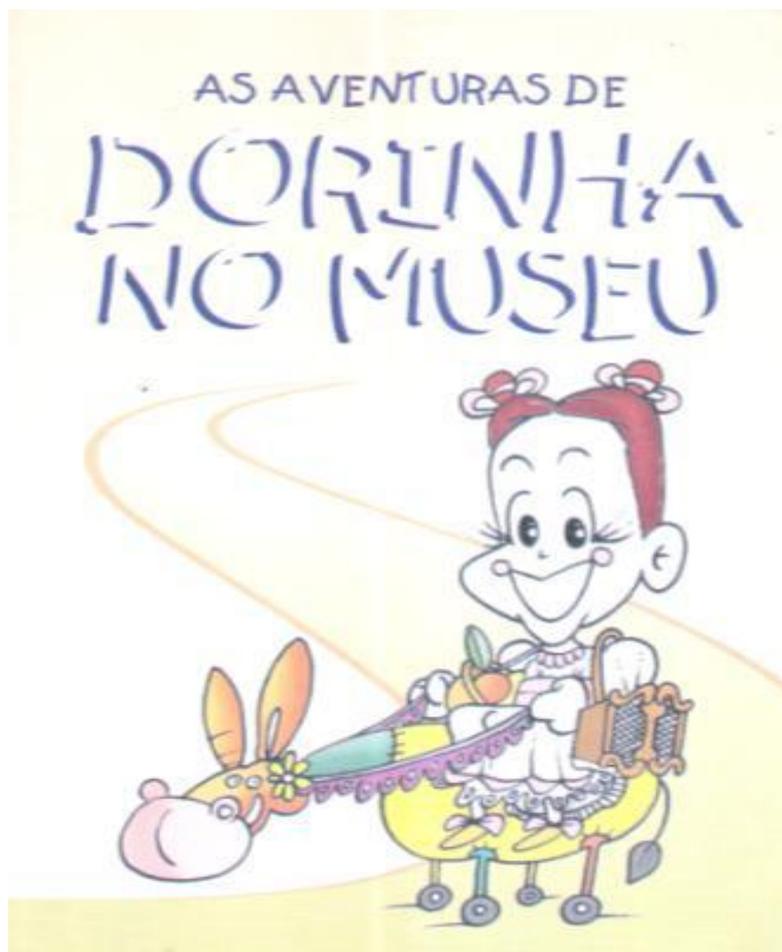
Nesse contato com o que está exposto, lhe é transmitido diferentes conhecimentos, partindo do que ele significa, do seu uso, a história do qual ele pertenceu, dando crescimento a sua utilidade ali exposto e acerca de sua relação com a criança. Leite ainda nos afirma que:

Como um explorador arqueológico, cada vez que a criança estabelece contato com o objeto museal, ela se aproxima por um ângulo diferente, e camada por camada, vai descortinando inúmeras verdades e desverdades, de maneira a criar um mosaico multifacetado sobre ele. (...) Possa sobrevoar os muitos aspectos, adentrar pelos diferentes canais comunicacionais e assim, formar uma rede de significações mais amplas. (LEITE, 2010, p.45)

Fazendo a criança se interessar pelo local, a ponto de querer voltar outras vezes, redescobrir os mesmos ou conhecer outros objetos não vistos pela sua primeira visita, convidar os pais, amigos e conhecidos para conhecer também o museu, pois a criança tem destas coisas, quando se interessa muito por uma coisa, quer mostrar a todo mundo, como quando ganha um brinquedo e quer que todos o vejam. Sobre este interesse em retornar ao museu, Santos nos afirma que “segundo Vigostky, não significa repetição das coisas vistas ou ouvidas, mas possibilidades de constituir e combinar o antigo e o novo nas bases da criação” e que esse “caráter lúdico, apresentado nas visitas ao museu, instigou nas crianças a vontade de repetir essa experiência” (SANTOS, 2010, p. 40), sendo este espaço contribuidor da aprendizagem com o caráter divertido, aguçando imaginação, revelando através do olhar uma história, sua história.

A partir do teatro-história da Dorinha surgiu também uma cartilha intitulada “*As Aventuras de Dorinha no museu*” (IMAGEM 2), um material todo ilustrado, com bastante imagens e fotografias, brincadeiras e jogos, com a intenção de ser mais um recurso pedagógico no auxílio a criança dentro do Museu. As imagens ilustrativas da cartilha foram feita por Marcus Vinicius. Criada também pela professora Kenia Rios e o núcleo pedagógico durante a gestão de Régis Lopes. Régis Lopes diz em entrevista que “*a razão de existência da cartilha é trabalhar com as relações entre passado presente e futuro, a partir dos objetos: perceber como os objetos são fontes de conhecimento histórico, valorizando-os como patrimônio afetivo*”.

Imagem 2 – Capa da 1ª edição da Cartilha da Dorinha



Fonte: Arquivo Museu do Ceará

Em virtude dos objetivos do projeto foi necessário realizar uma preparação e formação com os professores responsáveis pelas turmas agendadas para a visita. Era ministrada uma oficina pelos educadores do núcleo pedagógico e/ou gestão, onde eram apresentados à cartilha e orientados como estas deveriam ser utilizadas em sala de aula. Eram sugeridas dinâmicas, construção de exposições, reflexões com objetos, como também o próprio conteúdo da cartilha que é dinâmico e necessita que a criança também leve para casa na finalidade de observar os objetos dentro de sua casa e entrevistar seus amigos e/ou familiares idosos.

Kenia relata que logo de início a oficina foi um sucesso e que centenas de professores passaram por esta formação. Claudia Pires de Oliveira, socióloga e coordenadora do núcleo pedagógico na época, se refere a esta cartilha como um incentivo a criança perceber o museu e passá-lo a refletir quando diz “Na cartilha, a visita começa antes de começar” (O POVO, 12 out. 2001), sendo este um trabalho de ininterrupta. Após passarem pela formação

oferecida pelo museu, os professores relatavam a quantidade de alunos que iriam levar para a visita e o museu distribuía de forma gratuita a quantidade informada ao professor.

A cartilha foi fruto de muito estudo, relata Kenia, pesquisas realizadas em livros, em literaturas, projetos educativos infantis de outros museus, referências bibliográficas de produções dos principais museus do Brasil na época, como os textos do professor Ulpiano Bezerra<sup>12</sup>, grande estudioso do tema “museu”. E a partir de todo estudo, foram tirando conclusões e ideias próprias para a formação da cartilha. A cartilha é construída dentro de uma narrativa a uma visita no próprio espaço. Foi a professora Kenia que montou a narrativa, sendo também integradas as ideias do núcleo educativo, fazendo com que a ideia de museu como lugar de coisa velha fosse desconstruída e que a relação espaço temporal fosse trabalhada.

Figuras de objetos e atividades contidas na cartilha foram pensadas com base no cotidiano das crianças como o brinquedo, que faz parte do universo infantil. Pensar o descartável, modos de vestimentas, refletindo não só a mudança que ocorre na cultura material, mas também nas permanências desta, onde a criança aprende sobre museu e sua relação espaço-temporal. Acerca desta atividade, inserir a criança ao conhecimento do tempo histórico, Pereira (2011) nos relata que a relação da criança com o tempo histórico as favorece enquanto construção identitária e social levando-as a compreenderem “a partir de suas próprias representações, da época em que vivem, inseridos num grupo, e, ao mesmo tempo resgatem a diversidade e pratiquem uma análise crítica de uma memória que é transmitida.” (PEREIRA, 2011, p. 2)

Kenia Rios, para convidar os professores a participarem da formação de professores com o trabalho com a cartilha fez uma carta (ver anexo 2), que é um meio de correspondência considerado antigo e pouco utilizado após o advento das novas mídias e tecnologias de comunicação como a internet e o *e-mail*. Nesta carta continha diversas possibilidades de trabalhar com as crianças métodos de se perceber a cultura material e seus processos de transformações dentro da sociedade, atividades onde percebessem o trabalho do museu com a história refletida com os objetos, as viabilidades de se trabalharem a cartilha em sala de aula e até se estendendo a toda a escola, esta atividade de relevância ao aprendizado da criança. Acerca desta atividade, Studart (2006) diz que as “experiências sensoriais

---

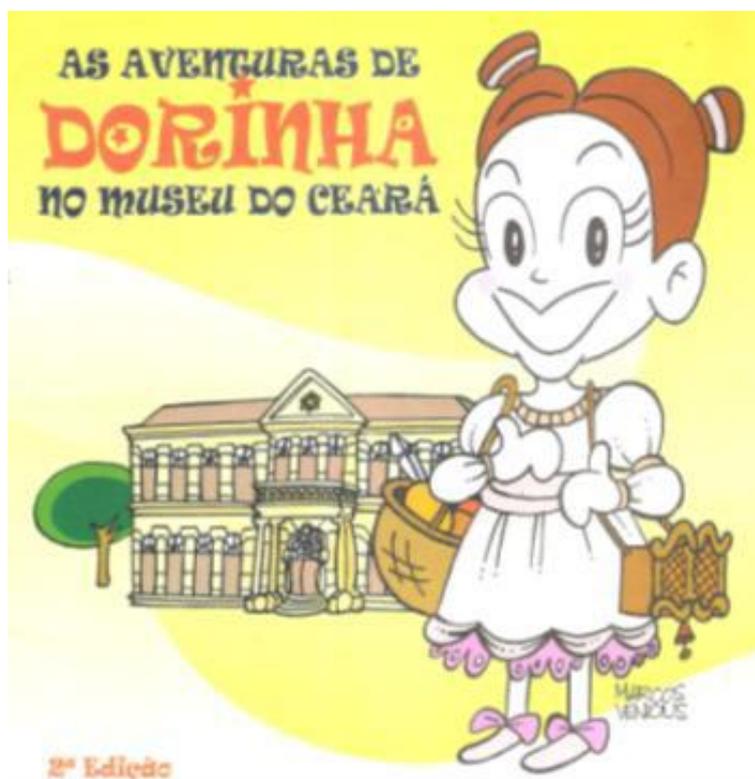
<sup>12</sup> Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses grande estudioso da área museu, já esteve à frente do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP) entre 1989 e 1994, como também organizou entre 1963 e 1968 o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da universidade e o dirigiu também de 1968 a 1978. < [http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas\\_link.cfm?Edicao\\_Id=393&Artigo\\_ID=5996&IDCategoria=6908&refstype=2](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=393&Artigo_ID=5996&IDCategoria=6908&refstype=2)> Acessado em: 24.01.2013

desenvolvidas em brincadeiras e jogos são a fundação do desenvolvimento intelectual” (STUDART, 2006, p. 7). Em um trecho desta carta e sua proposta ela diz:

O objetivo central é apresentar ao professor algumas possibilidades de uso da Cartilha “As aventuras de Dorinha no Museu”. Pretendendo inserir a criança do ensino fundamental numa leitura do mundo que privilegia o olhar para os objetos. É uma descoberta da história a partir das coisas que ela tem em casa, vê na rua ou vai encontrar no Museu.” (RIOS, 2001, p.1)

Esta carta também foi criada não para ser um roteiro pronto e acabado para o professor, mas um meio de diálogo aberto a novas ideias e sugestões para um futuro trabalho do professor com os alunos, e que sendo o museu o lugar de história e objetos é necessário um trabalho anterior. Acerca disto, Ramos (2001, p. 19) afirma que “o envolvimento entre o que é dado ao olhar e quem vê necessita de atividade preparatórias, para viabilizar a percepção” que seria o trabalho através da Cartilha. E que o trabalho com a cartilha em sala de aula despertasse na criança um olhar mais aguçado pelo objeto e que também causasse uma curiosidade em conhecer o museu. O sucesso com o projeto da Dorinha esgotou a 1º edição da cartilha, sendo fabricada já a sua 2º edição (IMAGEM 3)

Imagem 3 - Capa da 2ª edição da Cartilha da Dorinha



Fonte: Museu do Ceará

A cartilha (ANEXO A) começa com uma breve saudação e apresentação da Dorinha, ela própria diz aos visitantes quem ela é, quantos anos tem e onde mora. Sendo daqui mesmo de Fortaleza, Dorinha desabafa dizendo que existem muitas coisas que ela ainda não sabe, mas que algumas coisas já começou a compreender, e que o lugar que possibilitou a ela essas compreensões foi o Museu do Ceará. A partir de então, a boneca narra sua trajetória de visita ao Museu. Lá ela descobre que quem vai contar história para ela não será um livro, nem tão pouco um professor, mas o objeto. A primeira atividade da cartilha surge quando Dorinha pede para que a criança leitora pegue um objeto e faça interrogações e tente saber das respostas, por exemplo, de que ele é feito, como é utilizado, peso, cor, etc. Sobre esta atividade interrogatória preparatória com os objetos Ramos (2001) nos diz que “com atividades vinculadas à historicidade dos museus na própria sala de aula, o professor motiva a percepção dos alunos e aí eles terão o direito de saborear, com mais intensidade, as propostas de reflexão oferecidas pelo museu”. (RAMOS, 2001, p. 9)

Continuando a visita, o educador do museu esclarece para Dorinha que não só se encontra coisa velha dentro daquele espaço, mas também atuais, a exemplo de um copo descartável. Este objeto de grande discussão, pois está ligado a nossa sociedade contemporânea, como a sociedade do consumo (RAMOS, 2001). Como consequência a este esclarecimento há um quadro com objetos antigos e atuais, onde o leitor terá que ligar o objeto antigo ao novo conforme sua mesma função, construindo a noção de temporalidade entre o que é novo e o que é antigo, desenvolvendo concepções de tempo e produção cultural. E aprender história está além de só aprender fatos, mas através de perceber as relações espaço-temporais, compreender o que o cerca, perceber transformações na sociedade e conseguir refletir sobre ela, dialogando com esta percepção Bergamaschi nos afirma que:

Portanto, mais importante que um conteúdo de história de caráter fatural é necessário que, [...] os alunos e as alunas construam noções temporais básicas para localizarem-se e organizarem-se no tempo histórico, diferenciarem e relacionarem temporalidades, identificarem referências e medições temporais, perceberem a existência de diferentes ritmos e épocas e compreenderem que tempo é uma convenção social. (BERGAMASCHI,2000,p.3)

A próxima atividade dentro da cartilha é o “Jogo dos 7 erros”, a figura é o Passeio Público<sup>13</sup> e se refere a ele em meados de 1890. Lembrando que quando se refere a datas

---

<sup>13</sup> O Passeio Público é uma praça localizada no Centro da cidade de Fortaleza. Outrora Campo da Pólvora, Largo de Fortaleza, Largo do Paiol, Largo do Hospital da Caridade, Praça da Misericórdia e Praça dos Mártires, o Passeio Público era originalmente dividido em três níveis, um para cada classe social (alta, média e baixa). <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/cultura/passeio-publico>> Acessado em 24.01.2013

durante a cartilha, esta é acompanhada de referências como “há muito tempo atrás” ou sinônimas, pois algumas crianças, principalmente as menores, não tem esta compreensão de tempo a partir do calendário, sendo necessário partir de algo que ela compreenda, utilizando uma didática que a sugira perceber algo que aconteceu no passado. Sobre isto Ribeiro e Marques (2001) falam que “educar é, cada vez mais, ampliar seus horizontes. Mostrar a criança que o mundo é grande, te que ser feito aos poucos, passo a passo. O caminho ideal é partir da realidade mais próxima” (MARQUES E RIBEIRO, 2001, p. 42), ou seja, o uso dessas frases, substituindo ou complementando uma data pode esclarecer melhor o tempo para as crianças menores.

No “jogo dos sete erros” há objetos atuais na fotografia antiga do Passeio Público e a criança leitora deve encontrar o que ela acha que não deveria existir naquela época e depois conferir com sua professora. Os objetos atuais são um avião, objeto similar a um radinho de ouvido, celular, telefone público, refrigerante entre outros.

Continuando ainda em suas curiosidades em aprender mais sobre as relações espaço temporais, Dorinha continua a desvendar, agora interrogando seu avô sobre como era a época dele e seus costumes. Percebe que alguns objetos só mudaram sua estrutura, mas tem o mesmo uso, então sugere ao leitor a descobrir que selecione um objeto em sua casa e pergunte a alguém com mais de 50 anos como ele era. Ela incentiva o leitor dizendo “*Tive uma grande ideia, mas não vou fazer sozinha. Sabe quem vai me ajudar? Você.*” “*Vamos lá, eu já vou escolher o meu*”. Aqui esta sugestão se torna uma brincadeira para a criança, a exemplo de um detetive que interroga, busca entender e desvendar os fatos, Leite (2011) pronuncia que a “brincadeira infantil como manifestação de descobertas e encantamento é convidar permanentemente a imaginação para o centro do jogo” (LEITE, 2011, p.52), e brincando se descobre mais sobre o passado, o leitor da cartilha aprende.

Dorinha na cartilha sempre sugere à criança a realizar perguntas aos mais velhos, como seus avôs, e vejo nesta atitude uma valorização aos conhecimentos dos mais velhos em nossa sociedade, em alguns grupos étnicos o idoso é visto como uma pessoa sábia, a exemplo dos povos indígenas, e no Museu do Ceará as crianças encontrarão uma sala de exposição com a temática e objetos voltados para cultura indígena.

A cartilha também trabalha a história do prédio atual do Museu do Ceará, utiliza as fotografias antigas, que faz a criança perceber as construções de sua cidade no passado e as artes visuais levam as crianças a fazer comparações entre o que existe hoje e o que já existiu e não existe mais, como nos diz Leite (2011) tornam visível o invisível.

Dentro desta visita ao museu onde a personagem aprende a história de sua cidade através dos objetos, a cartilha também proporciona uma prévia das salas de exposições que elas conhecerão, gerando curiosidade e também as preparando para o que encontrarão. Como um recurso didático, dinâmico e lúdico a criança aprende brincando e ainda envolve os familiares nas suas descobertas, fazendo que o máximo de pessoas aprendam e brinquem juntos. Para Kenia, *“a cultura material é uma forma de pensar o tempo de uma forma muito privilegiada, a marca do tempo está nas coisas, por isso o ensino de história a partir da cultura material possibilita a criança aprender essa temporalidade”* através destas ações educativas desde a cartilha ao teatro-história no museu, gerando para a criança um lugar de intimidade dela com o espaço, de curiosidade e descobertas. O museu para a criança se torna um local de lazer e aprendizado com estas ações que só veem a contribuir com qualidade e produção. Sobre isto Leite (2011) nos afirma a seguir que “os museus são locais que despertam a curiosidade, provocam a produção de sentidos, promovem a descoberta e o encantamento, evocam a imaginação...” como também “pode-se afirmar que eles se colocam como espaços acolhedores e promotores do brincar e da brincadeira infantis.” (LEITE, 2011, p.52)

## 5.1 O projeto e suas ressignificações com o passar do tempo.

Após quatro anos de atuação da atriz Ecila Meneses com a personagem Dorinha, ela teve que sair por motivos pessoais e o núcleo educativo junto à gestão pensaram em transformar a ação em um teatro de bonecos e dar continuidade ao teatro. Onde não haveria mais uma atriz que vestisse a personagem e acompanhasse as mediações nas salas de exposições, agora seria uma boneca marionete por trás de um biombo. A boneca foi feita igualzinha a boneca da cartilha e seus acessórios é uma cestinha com alimentos. Também foi criado um texto que se chama “*Diálogo entre o monitor e a Dorinha*” contendo as falas de cada um, tanto de quem vai interpretar a boneca, quanto do monitor, sendo ambos atuados pelos próprios educadores (ver anexo B “*Diálogo entre o monitor e a Dorinha*”).

O Teatro da Dorinha se encontra no auditório Paulo Freire e é realizado na chegada das turmas ao museu, na verdade o teatro é a própria recepção. O teatro inicia com o educador (monitor) saudando as crianças com bom dia, pergunta a elas se elas já conheciam o museu e quais são suas expectativas. Enquanto as crianças vão interagindo, a boneca Dorinha fica aparecendo e desaparecendo no biombo para todas as crianças, isso as levam aos risos e começam a contar o que estão vendo para o educador e logo a personagem aparece. A partir daqui, começa um diálogo da Dorinha, o educador e as crianças.

A boneca faz perguntas, conta o que já visitou o museu outras vezes e que aprendeu bastante, porém ela sempre fala algumas coisas erradas para ser corrigida pelas crianças e pelo educador, assim todos se divertem e aprendem também com o erro dela. Mas para ela o museu assusta, pois alguém disse a ela que são os objetos que irão dialogar, contar-lhe uma história e ela acha que por isso lá existem fantasmas. Gera muita graça, pois as crianças que já estudaram em sala de aula como um objeto pode ser reflexivo, explicam a Dorinha e o educador também como esse diálogo com objeto se dá. E nessa brincadeira de apresentar o museu às crianças pelo teatro, o educador convida as crianças a começarem a visita e a Dorinha logo pega sua cestinha com alimentos e o educador avisa sobre a conservação dos objetos, falando sobre o comportamento necessário para a preservação destes, como não portar alimentos e bebidas, nem fotografar fazendo uso *flash*. E a Dorinha aprende, mas logo diz que já que está com as mãos livres ela pode tocar em tudo, e mais uma vez é alertada pelas crianças e pelo educador que também não pode tocar em nenhum objeto, aprendendo desta forma mais uma ação de conservação. E quando as crianças já se preparam para sair do auditório para conhecer as salas de exposição Dorinha diz que irá lanchar, pois está com muita fome, se despede da turma de visitantes e sai.

Este é um breve resumo do “*Dialogo da Dorinha com o Monitor*” que também se transformou em um sucesso entre as crianças. Em uma recepção através do teatro, as crianças mais uma vez se encontram com a personagem que eles já conheceram através da cartilha e se divertem aprendendo a preservar seu patrimônio com atos de conservação e que os objetos irão ser o meio de diálogo e aprendizado construído junto com elas mesmas e o educador.

Esta recepção que o teatro trabalha com a criança gera até um sentimento de guarida às crianças, fazendo com que se sintam à vontade para perguntar, relatar, compartilhar seus conhecimentos sem medo, receio e vergonha, sendo desenvolvido pelo diálogo da Dorinha com o educador que a todo instante envolve as crianças e as incentiva a também participarem do teatro. “Um acolhimento que pode ser engendrado por olhares, gestos, falas complementares que as ajudem a e fruir a arte que ali encontram” procedem meios para “qualificarem e ampliarem suas formas de ver o outro, o mundo, a arte e criarem significados, produzirem cultura” (SANTOS, 2011, p.7). Leite (2011) também nos afirma que o partilhar das experiências vividas antes e durante o museu contribui para a construção de uma identidade em grupo, uma identidade gregária e o teatro aqui como uma ferramenta pedagógica que consegue atrair as crianças. Rabelo (2008) acerca desta proporção que o teatro pode causar nos diz que:

As propostas educacionais devem compreender a atividade teatral como uma combinação de atividade para o desenvolvimento global do indivíduo; um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupação de organização estética e uma experiências que faz parte da cultura humana. (RABELO, 2008, p.16)

Sendo esta ação educativa que une o teatro e a cartilha como instrumentos de educação e reflexão sobre o objeto dentro do espaço museológico e para além dele um instrumento que une a arte, a ludicidade e o ensino de história não só do Ceará e do Brasil, mas também o de sua realidade, onde a criança também aprende como um meio a assimilar as relações espaços-temporais. Compreendem que as coisas estão em transformação e a levam a buscarem como foi antes delas chegando a refletir sobre o presente vivido. Este projeto chegou a ganhar menção honrosa no Prêmio Darcy Ribeiro<sup>14</sup>, sendo reconhecido nacionalmente com um trabalho de qualidade e comprometimento com a educação dentro de um museu de história, o Museu do Ceará.

O projeto conforme o passar do tempo, das gestões, vai se transformando, se resignificando, mas não perdendo sua essência. Algumas coisas são acrescentadas, mantidas e

---

<sup>14</sup> Prêmio facultado pelo Departamento de Museus e centros Culturais do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional que premia ações de educação museal valorizando e promovendo sua ação. Ver site: <http://www.museus.gov.br/premios-e-editais/programa-de-fomento-2012/premio-darcy-ribeiro/>

outras sem uso. Nos dias atuais a formação para os professores e a carta feita ao professor, já não são mais utilizadas e a divulgação deste projeto para as turmas de visitas infantis são feitas por telefone no ato do agendamento, ou seja, quando uma escola liga para agendar sua turma em uma determinada data, os educadores que fazem o agendamento, falam do projeto e oferecem as cartilhas, esta sendo agora obtidas a preço de apenas 1 real para as escolas particulares e para as públicas de maneira gratuita. A cartilha *As Aventuras de Dorinha* estão quase em esgotamento, sendo encontradas em no máximo cem cartilhas na lojinha do Museu.

Durante a gestão da diretora Cristina Holanda, passaram por ela os educadores de abril de 2010 a abril de 2012, esta no qual eu participei. O trabalho com o projeto tomou alguns outros rumos, sendo criado para o Dia das Crianças de 2010, um novo teatro-história com a boneca Dorinha (IMAGEM 4), só que desta vez com mais um objeto do museu, que se transformou em um boneco marionete muito admirado pelas crianças, o Bode Ioiô (ANEXO D).

Imagem 4 – Teatro “O sonho de Dorinha no Museu do Ceará”



Fonte: Acervo pessoal

O teatro com o título “O sonho de Dorinha no Museu do Ceará” tem como base o teatro anterior “Diálogo entre a Dorinha e o Monitor”, tendo como aproximação o início onde se fala das regras de conservação antes de conhecer as salas de exposições. E enquanto o educador guarda os maracás a boneca Dorinha dorme. Quando ela abre os olhos (em sonho) vê o bode Ioiô do seu lado estático e logo começam a dialogar. O enredo do texto acontece com o bode Ioiô relatando sua história. O enredo do teatro é feito de maneira, clara e simples para que as crianças entendam com maior facilidade.

Por sua vez, o texto trabalha a imaginação e criatividade das crianças, pois o teatro envolve uma história, um cenário (a seca, o Centro de Fortaleza, a praia...) personagens

lúdicos e divertidos. A criança adentra em um universo imaginário onde aprende brincando. Rabelo (2008) diz que o teatro é uma ferramenta educativa que aproxima de forma privilegiada o conhecimento e aprofundamento de sua própria cultura, sendo aqui um instrumento de ensino-aprendizado e “muitos educadores afirmam que as informações transmitidas através do teatro ficam registradas na memória de uma forma lúdica, porém planejada, porque o teatro educa pela vista e pelo ouvidos, acima de tudo, atinge a sensibilidade.” (2008, p. 28)

Como falei anteriormente este novo teatro-história foi criado para o dia das crianças de 2010 e vem sendo utilizado em datas comemorativas e programações voltadas para o público infantil, sendo o teatro-história anterior sendo mais utilizado pelos educadores no dia-a-dia.

## 5.2 As respostas das crianças ao Projeto Dorinha: Uma breve análise de cartas

Tendo em vista o capítulo anterior no qual busquei mostrar a trajetória do Projeto Dorinha junto a sua importância para a criança, dentro de uma perspectiva onde a criança através deste projeto aprende história, reflete seu lugar social, e se diverte com o material lúdico e educativo, neste procurarei dar um retorno das crianças a esta ação educativa.

Junto a esta pesquisa foi realizado em dezembro de 2012 com uma turma da 4ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dolores Alcântara um acompanhamento desta ação desde a entrega das cartilhas à professora, à visita das crianças ao museu. A professora da turma já havia agendado a visita ao Museu do Ceará e aproveitando esta oportunidade entrei em contato com a mesma e falei sobre o projeto. Reconhecendo a importância aos seus alunos, a professora Henriqueta se propôs a trabalhar a cartilha em sala de aula com sua turma. Após ter trabalhado a cartilha, a turma visita o museu sendo recepcionada pelo Teatro da Dorinha e logo após parte para as salas de exposições. É importante ressaltar que as crianças desta turma nunca tinham ido a um museu antes.

Tendo em vista o último exercício da cartilha onde Dorinha resalta que ela e as crianças aprenderam muito, a boneca pede para as crianças escreverem ou até mesmo desenhem contando o que elas mais gostaram quando diz “depois que você for, conte-me o que achou, pode ser escrevendo ou fazendo um desenho do que você mais gostou. Eu vou adorar receber”. (Trecho retirado da cartilha “As aventuras de Dorinha no Museu do Ceará”, p. 13) Considerando esta ação de retorno das crianças sobre o projeto e seu aprendizado, no qual as crianças tem a oportunidade e liberdade de expressarem suas opiniões mostrarei apenas três relatos aqui neste capítulo, tendo em vista o tempo que limita a conclusão deste trabalho que já se finda. Também vale ressaltar que as análises feitas aqui neste capítulo não terão um aprofundamento teórico metodológico, pois não é uma área da qual eu tenho muita apropriação mesmo tendo lido vários artigos e livros acerca do assunto para este capítulo.

Leite (2011) diz que para termos um maior entendimento sobre a relevância de uma determinada ação educativa voltada para as crianças é termos um *feedback* das próprias crianças, quando diz:

Uma das estratégias interessantes e melhor compreendermos esse papel social e educacional junto ao público infantil é buscarmos pesquisas nas quais as crianças sejam depoentes e possam nos subsidiar com suas falas. (LEITE, 2011, p.2)

Perceber no ato da visita o quanto as crianças gostam desta ação educativa, quando interagem, fazem perguntas, compartilham de suas experiências, se divertem com o

teatro-história e comentam da Dorinha e da cartilha é muito claro para o educador que faz a mediação, mas o que ele levou consigo após a visita não é claro, e é sobre este depois da visita que iremos trabalhar, partindo de relatos das crianças que visitaram o museu.

Para o educador e também para o museu é de grande satisfação ter um retorno desse aprendizado. Acerca desta satisfação Leite diz que “o maior desafio dos educadores de museus é como tornar as experiências mais memoráveis (no sentido positivo, é claro)” e receber das crianças seus relatos, seja em desenho ou uma carta, é uma forma de obter estas informações da criança. Acerca desta atitude Cruz (2008) fala que procurar meios de ouvir a criança, conhecendo suas múltiplas linguagens, leva em consideração o que ela tem a dizer, e a preocupação em conhecer seu ponto de vista.

As crianças sempre tem o que dizer, pois seu convívio com a família e sociedade somam em impressões, sentimentos e apropriações e expropriações. Ela não só reproduz o que vê, mas também cria, dialogando com isto Cruz (2008) nos diz que:

A criança não é apenas reprodutora, mas também construtora de cultura, estimula o desejo de conhecer a sua perspectiva, os seus pontos de vista. Eles podem ser bastante heterogêneos, já que, além de expressarem as peculiaridades da história de cada uma delas, também são marcados pelas experiências concretamente vividas em determinado contexto e momento histórico profundamente influenciadas pelos lugares que a criança e sua família ocupam na sociedade, assim sendo pelo pertencimento a determinado gênero, etnia e cultura. (CRUZ, 2008, p.13)

Logo, proposta que a Dorinha em sua cartilha faz para as crianças pode mostrar se o projeto está tendo êxito ou não para elas, do que elas gostam, do que elas não gostam, o que entenderam, o que não entenderam e seu relato pode subsidiar o movimento das ações educativas voltada para as crianças em espaços que se propõem em trabalhar com este público, levando a refletir e fortalecer o projeto. Não irei aqui fazer um estudo das cartas que as crianças escreveram para o museu, mas de forma breve, expor suas cartas que são atreladas aos seus sentimentos, objetos que marcaram, enfim a sua vivencia com o museu.

A seguir veremos os três relatos escolhidos para a análise feitos por três alunos da E. M. E. I. F. Dolores de Alcântara. O primeiro será o relato de Jorlan sobre sua visita ao Museu do Ceará:

“Querida Dorinha eu gostei muito do passeio para o museu, eu gostei mais do Bode Ioiô, pois ele me admirou muito. Eu tenho uma prima chamada Isadora e ela tem 8 anos, ela gostou muito da história que eu contei sobre o museu. Deus te abençoe e que você passe muito tempo no Museu”. Jorlan

Neste primeiro relato percebemos uma criança declarando seus sentimentos em conhecer o Museu do Ceará, e ainda deu ênfase ao objeto do qual ela mais gostou, e todo seu

conhecimento foi dividido com sua prima Isadora. O Bode Ioiô tem sido um dos objetos que as crianças mais gostam no Museu e Santos (2010) em sua dissertação de mestrado<sup>15</sup> analisou que o objeto mais querido das crianças era o Bode Ioiô, pois envolve a história de Fortaleza em um determinado momento histórico como também lendas, pois em sua narrativa se mostra ser uma personagem engraçado. E Jorlan não se conteve com tudo que aprendeu e chegou até a repassar tudo o que aprendeu para sua prima menor, nos mostrando que a experiência foi satisfatória.

O próximo relato é de Erika, que narra sua chegada e o que conheceu e gostou quando diz:

“Quando eu cheguei do museu, uma mulher e um homem eram muito educados com os alunos e comigo. Eles falaram com a Dorinha e eu vi ela, ela é tão fofinha, mas ela tinha que aprender a não comer nada dentro do museu. Eu e os alunos fomos lá pra cima e a primeira coisa que eu vi foi o Bode Ioiô. Quando a pessoa olhava para ele parecia de verdade, mas não era. [...]”. Erika

Neste relato de Erika podemos ver que ela entendeu muito bem a questão relativa à conservação do acervo quando diz que a Dorinha não tinha entendido que não se podia comer dentro do museu. Trabalhar com a criança a conservação está muito atrelada a conservação da própria história que o objeto pertencente a uma período e lugar pode nos remeter, ele é fonte de informação e este ato de preservar e conservar é a própria educação patrimonial. Horta e Grungeberg e Monteiro (1999), diz que “nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações e conexões sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou.” (2008, p.9).

No relato a seguir quero ressaltar a memória da criança com os objetos que mais lhe chamaram a atenção dentre vários no museu. Na maioria dos relatos sempre vemos o bode Ioiô como o objeto mais admirado, porém no relato de Andressa podemos perceber vários outros quando diz:

“O que eu mais gostei no Museu do Ceará foi... Eu gostei de ver também as armas antigas, os móveis antigos, as espadas, o canhão, urna funerária, os vasos, (...) a maquete de Fortaleza. Muito obrigada por tudo. E eu espero voltar lá no Museu e eu tenho 10 anos e já vou completar 11 anos.” Andressa

Objetos que se encontram em diferentes salas chamou a atenção de Andressa, ela percorreu por todo o museu, viu, ouviu, participou de diversos diálogos que surgiram durante a mediação, mas quando ela se sentou para refletir sobre os objetos que mais gostou surgiram

---

<sup>15</sup> Ver dissertação de mestrado de Núbia Agostinho Carvalho Santos que intitula: Museu e Escola: Uma experiência de mediação entre as crianças de educação infantil e o espaço museológico.

estes. Leite (2011) diz que “a criança pensa alto, fala de maneira a ela mesma organizar seu pensamento; interpela seu interlocutor, levanta hipóteses...” (2011, p. 2), logo não podemos limitar o aprendizado nem as formas de aprender da criança. Andressa falou sobre os objetos que mais lhe chamaram atenção que podem ter sido memorizados a partir da história das salas de exposições quanto de relações pessoais com estes objetos em seu dia-a-dia.

Em nenhum relato se observou o museu como lugar de coisas velhas, chato ou até desinteressante, mas como um lugar de encantamento, lugar de coisas legais e interessantes e isso traz uma satisfação para os trabalhadores museais, no sentido de que, o lugar se torna um lugar de conhecimento e lazer e “é nesse processo permanente de identificação/estranhamento com o visto/vivido; de aproximação/distanciamento com os acervos que possibilita às crianças visitantes produzirem conhecimentos nas suas idas aos museus” (2011, p.8).

O fato dos museus terem ações educativas é de grande relevância, mas se essas ações não aproximarem o público com o ideal da proposta da ação, ou seja, não atingirem sua razão de existência não adianta nada. Então, é necessário um retorno do público aonde se percebe que a ação influenciou ou não ao aprendizado do indivíduo, se a ação foi um auxílio ou não a compreensão do indivíduo.

Cruz (2008) em seu livro “A criança fala: a escuta das crianças em pesquisas” defende que a criança pode dar um retorno a todo e qualquer método de ensino e aprendizado voltado para ela a partir do momento do qual ela tem voz e se expressa. Esta sendo grande protagonista para o qual o Projeto Dorinha foi criado não poderia deixar de responder a este processo. Nesta concepção este capítulo pretende colaborar mostrando algumas falas de algumas crianças sobre o museu a partir da mediação com o projeto Dorinha, mostrando a relevância deste projeto.

Enfim, esse estudo e pesquisa tem a intenção de mostrar a fala das crianças a cerca do projeto nos evidenciando a relevância do mesmo para o público infantil como ferramenta pedagógica que auxilia a criança a perceber o ensino de história através dos objetos.

## 6 CONCLUSÃO

Dentro da trajetória do museu enquanto espaço educativo verificamos o Projeto Dorinha do Museu do Ceará (MC) pensado especificamente para o público infantil na intenção de ser um projeto que auxilia a criança e perceber o ensino de história através da reflexão sobre os objetos expostos nas salas de exposições que o MC compõe.

Neste presente trabalho nos aproximamos de uma realidade do espaço educativo não formal, o museu, como um campo de educação e conhecimento que nos permite a refletir sobre o Ceará, os fatos históricos, nosso cotidiano e cultura através do olhar sobre os objetos. A referida instituição trabalha com ações educativas que propiciam uma alfabetização museológica que contribuem para a construção de conhecimentos feitas pelos visitantes.

O Projeto Dorinha como uma ação educativa voltada para o público infantil tem como recurso o teatro e cartilhas didático-educativas que se utilizam da arte do teatro de bonecos e da ludicidade propiciando à criança a construção de saberes de maneira atrativa e divertida. Realizado antes das crianças visitarem o museu trabalha com as crianças de maneira minuciosa como o objetos podem ser um instrumento reflexivo e durante a visita das crianças a personagem do projeto, a boneca Dorinha, reaparece com o teatro aguçando ainda mais o olhar das crianças aos objetos museológicos.

O projeto vem sendo readaptado ao longo desses 12 anos pelos educadores que compõem o núcleo educativo que é mudado a cada dois anos, mas não perdendo sua finalidade. Um dos pontos fundamentais observados é a permanência do sucesso da boneca Dorinha entre as crianças que visitam o MC e conhecem o projeto, sendo este ganhador de menção honrosa a nível nacional pelo Departamento de Museus e centros Culturais do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional no prêmio Darcy Ribeiro. As crianças também puderam falar de sua opinião sobre o projeto através das cartas que posteriormente foram analisadas nos revelando, em plano concreto, que o projeto vem sendo aceito e fazendo valer suas reais intenções.

Enfim, o Projeto Dorinha vem sendo um instrumento que através de suas ações trabalha na criança a construção de um conhecimento crítico e reflexivo, trabalhando a consciência local e social, uma educação patrimonial e um sentimento de identidade e reconhecimento de sua cultura, cidade e até sobre si mesma.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Educação em Museus - Termos que revelam preconceitos. **Revista Museu**. Edição Brasileira: 2008.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. O tempo histórico no ensino fundamental. *In: 23ª Conferência Anual da ANPED*, 2000, Caxambu/MG. Publicações do GT7: Ensino Fundamental, 2000.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

COOPER, Hilary. Aprendendo e ensinando sobre o passado a criança de três a oito anos. **Educar em Revista**. Curitiba: Editora UFPR. Volume I Especial. p. 171-190, 2006.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2010.

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Museu do Ceará**: um breve histórico. São Paulo: Instituto Cultural J. Safra, 2012, p. 9-21

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **O Museu Histórico do Ceará**: a memória dos objetos na construção da História (1932 – 1942). Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira e GRUNBERG, Evelina e MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LEITE, Maria Isabel. Museu, criança e brincadeira: Combinação possível? *IN: ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro. (Org) O brincar e a brinquedoteca*: Possibilidades e experiências. Fortaleza: Premiuns, 2011, p. 41-55.

LEITE, Maria Isabel. Museus e o público infantil – alguns casos e várias reflexões. **Revista Eletrônica EducaMuseu**. [www.educamuseu.com](http://www.educamuseu.com). Data de acesso em 17/12/2012.

MARQUES, Marcelo Furtado e RIBEIRO, Luís Távora Furtado. **Ensino de História e Geografia** – Coleções para professores nas séries iniciais. 2º Ed. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Para que serve um museu histórico? *IN: Museu Paulista. Como visitar um museu histórico*. 2º Ed. Universidade de São Paulo-USP. São Paulo: 1995.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Museu históricos: Da celebração à consciência histórica IN: Museu Paulista. **Como visitar um museu histórico**. 2º Ed. Universidade de São Paulo-USP. São Paulo: 1995.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues. **Juntar, separar, mostrar**: Memória e escrita da história no Museu do Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues. O museu como espaço educativo. IN: Oliveira, Almir Leal e BARBOSA, Ivone Cordeiro e GADELHA, Georgina da Silva (Org).**Linguagens e saberes** : diálogos no ensino de história. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2007.

PEREIRA, Jean Carlos Cerqueira. **O ensino de história nas séries iniciais**. In: X Jornada do Histerdbr - História, Sociedade e educação no Brasil. Vitória da Conquista: Universidade Estadual Sudoeste da Bahia. 2011.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. **Pesquisa quantitativa e pesquisa qualilitativa**. Revista Chaves, João Pessoa, v.2, p.87-98.2006.

RABELO, Claison Luis. **Brincando de Teatro** – Oficina de teatro: recurso pedagógico na formação do educador. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Museu, ensino de história e sociedade de consumo**. Cadernos Paulo Freire II. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2001.

RODRIGUES, Ana Carolina Silva . Um **prédio histórico para um museu histórico**: Museu do Ceará e suas sedes (1933-2008). In: VIII Seminário de Pesquisa do Departamento de História - UFC: História e Gênero, 2010, Fortaleza-Ce. Imprensa Universitária, 2010. v. 1. p. 127-128.

RUOSO, Carolina. **O Museu do Ceará e a linguagem poética das coisas (1971-1990)**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

SANTOS, Núbia Agostinho Carvalho. **Museu e escola**: Uma experiência de mediação entre as crianças de educação infantil e o espaço museológico. Dissertação de Mestrado, Universidade federal do ceará, Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza – Ce, 2010.

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. **Museu do Ceará. 75 anos**. SILVA, Antonio Luiz Macedo. RAMOS, Francisco Régis Lopes. (Org). Fortaleza: 2007.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros museológicos**: Reflexão sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

STUART, Denise Coelho. **Exposições participativas e educativas em museus**.Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará/ Museu do Ceará, 2006.

## ANEXO A – CARTILHA “AS AVENTURAS DE DORINHA NO MUSEU DO CEARÁ”, 2ª EDIÇÃO.



Governo do Estado do Ceará: Lúcio Gonçalo Alcântara  
Secretaria da Cultura: Cláudia Sousa Leitão  
Museu do Ceará: Francisco Régis Lopes Ramos

Texto e Coordenação: Kínia Rios  
Ilustrações: Marcos Venicius  
Programação Visual e Arte-final: Jefferson Portela  
Revisão Técnica: Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho  
Revisão de Edição: Kemyo Silva Araújo  
1ª edição: 2001 - 2ª edição: 2005

Apoio Pedagógico:  
Núcleo Educativo do Museu do Ceará  
Coordenação: Cláudia Pires de Oliveira Lopes

Interpretada pela atriz Eclia Menezes, a Boneca Dorinha  
faz parte do Projeto Educativo do Museu do Ceará.

Realização:



# DORINHA



Olá, eu sou a Dorinha, tenho 7 anos,  
sou uma boneca de pano, feita  
aqui mesmo em Fortaleza.

É muito bonita a minha cidade.  
Você também nasceu aqui?  
Tem muita coisa que eu ainda não sei sobre  
a história do Ceará, mas já comecei a descobrir algumas.  
Sabe onde? No MUSEU DO CEARÁ.  
Vou contar para você como tudo aconteceu...

1

Ia passando na frente daquela casa enorme e levei até um susto.  
Era alta, com portas e janelas muito grandes.  
Já na entrada, dava para ver uma escadaria com um tapete vermelho  
que acompanhava todos os degraus, até lá em cima,  
onde tinha um espelho gigante.  
Fiquei pensando: o que será? Será um castelo?



2

Fui então falar com a moça que estava lá dentro. Ela disse que era um Museu. Museu? Mas o que é um Museu? Ela respondeu:  
 - O Museu é um lugar onde você conhece a história dos objetos e descobre que a história deles ajuda a gente a entender a história da cidade e até a nossa história. Não entendi muito bem, mas fiquei supercuriosa para conhecer a história dos objetos do MUSEU DO CEARÁ.



E você? Tem algum objeto que gostaria de me contar a história? Que legal! Então, vamos lá. Pegue o seu objeto, olhe bem para ele e me diga. Ele é grande ou pequeno? Qual a cor dele? Tem cheiro? Qual? É feito de quê? (madeira, metal, plástico...) É duro ou macio? Quem fez? Quando foi feito? Para que serve? Foi um presente? Quem deu? Para que você usa? Faz barulho? Qual? Quando você usa mais? É leve ou pesado? Há quanto tempo você tem? Vixe, está difícil! Ah, já sei. Pegue um papel em branco e desenhe o objeto que você escolheu.

3

## O COPO DE PLÁSTICO

Quando a moça me explicou o que era o Museu, eu não entendi direito. Eu disse: - Já ouvi dizer que Museu é lugar de coisa antiga. A moça disse que não era somente para coisas antigas. Qualquer objeto poderia estar no Museu, até mesmo os objetos atuais, como o copo de plástico que eu segurava na mão. Achei legal e fiquei pensando... Será que eu sei o que é um objeto atual, e o que é um objeto antigo? Você me ajuda a descobrir? Então, ligue o objeto antigo ao objeto que tem a mesma função atualmente.



4

## JOGO DOS 7 ERROS



Agora você vai me ajudar a encontrar os sete erros deste desenho do Passeio Público, lugar que fica no centro de Fortaleza. Você já conhece? Mas, atenção! O Passeio Público do desenho é de muito tempo atrás, mais ou menos de 1890. Então, descubra o que não poderia estar lá nesse tempo antigo. Marque com um X o que você achar errado. Depois, confira com sua professora.

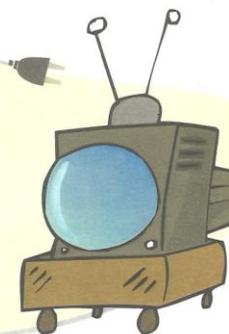
5

## A CARTOLA E O BONÉ



Você viu? Quanta coisa que a gente nem usa mais. Fui conversar com meu avô sobre isso e ele disse que, quando era criança, o pai dele botava uma cartola na cabeça antes de sair de casa, e que sua mãe usava uns vestidos longos cheios de babados. Pensei: eu nunca vi ninguém de cartola nas ruas da cidade, nem mulheres com vestidos longos, cheios de babados. Aí, passei a mão na minha cabeça e lembrei que estava usando um boné. Tive, então, uma grande idéia, mas não vou fazer sozinha. Sabe quem vai me ajudar? Você.

Escolha um objeto da sua casa, agora pergunte a uma pessoa com mais de 50 anos como era esse objeto no tempo que ela era criança. Pode até ser que nem existisse, sabia? Por exemplo, a televisão. Será que era muito diferente? Vamos lá, eu já vou escolher o meu.



6

## O BRINQUEDO DO VOVÔ

Muita coisa mudou, não é? Mas será que mudou de repente? Assim, de uma hora para outra? Acho que não. Muitas coisas antigas a gente usa até hoje. Lá em casa tem uma cadeira de balanço da vovó, que é muito antiga. Eu adoro me balançar nela.

Por falar nisso, que tal a gente fazer uma brincadeira? Pergunte a idade de uma pessoa mais velha e peça para ela desenhar o brinquedo preferido que tinha quando era criança. Faça isso com o vovô, a vovó, o papai, a mamãe, a tia, seu irmão... Você também vai participar da brincadeira. Coloque sua idade e também desenhe seu brinquedo favorito. Será que é uma boneca, assim como eu?



7

## FOTOS ANTIGAS



Na conversa com o meu avô sobre os objetos antigos, aproveitei para perguntar sobre o Museu do Ceará. Sabe, acho que aquela casa onde funciona o Museu é bem antiga porque é tão diferente. Meu avô disse que eu estava certa, aquela casa foi construída na época em que o pai dele era criança. Eu falei: - Eita! Então foi construída na época em que os homens andavam nas ruas com aquelas cartolas engraçadas e as mulheres com aqueles vestidos

longos, cheios de babados? Ele disse: - Isso mesmo, você já viu alguma foto desse tempo? - Claro, eu vi no Museu, lá tem muitas fotos que mostram como era a cidade antigamente. Será que na sua casa tem fotos antigas?

Pergunte à mamãe, papai, à tia...

Peça para eles contarem a história de suas fotografias. Depois, tente desenhar a coisa que você achou mais estranha nessas fotos. Você vai se divertir.



8

## O BODE IOIÔ



Meu vô me perguntou se eu também tinha visto um bode grande que antigamente vivia andando pelas ruas da cidade, e hoje está no Museu. Eu disse: - Claro, é o Bode Ioiô. Fiquei um tempão olhando para ele e imaginando como era a cidade no tempo que o Bode Ioiô andava pelas ruas do centro. Devia ser bem diferente de hoje. Vamos pintar o Bode Ioiô andando na praça do Ferreira no ano de 1926. Ele adorava essa praça, dizem que todos os dias ia até lá.

9

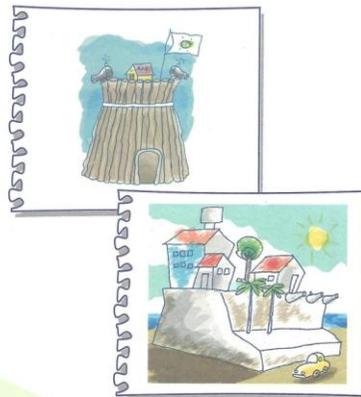
## FORTALEZA UMA CIDADE NO MUSEU

Continuando a história, a moça me levou à sala de exposição. Sala de exposição? O que é isso? Ela respondeu: - Os objetos não ficam jogados de qualquer jeito. Tem que arrumar de um jeito legal, para que as crianças entendam melhor a história deles. Eles são organizados e expostos na sala de exposição. Entendeu? Eu disse que tinha entendido mais ou menos. A moça falou que a gente ia conhecer uma exposição sobre a história de Fortaleza. Ela me levou à sala e eu fiquei espantada. Tinha um monte de coisa: uma cidadezinha, uma santa, um chapéu de índio, um canhão, um monte de placas, lâmpadas e uns vasos grandes.



10

Prosseguindo o passeio pela exposição sobre FORTALEZA, a moça disse que o nome da nossa cidade vem da palavra FORTE. Você sabe o que é um forte? Eu tentei desenhar um para você. No lugar onde ficava esse FORTE antigo, hoje existe um outro FORTE, só que ele é bem diferente. Acho que você já deve ter visto. Em todo caso, também resolvi desenhar para você ver:



Os portugueses que estavam aqui, há muito tempo atrás, usavam esse FORTE antigo para evitar que outros povos se aproximassem da cidade.

Era uma forma de segurança para eles. Queriam ser os donos de FORTALEZA. Por isso, quando chegaram e viram os índios que aqui habitavam, resolveram prender muitos deles, principalmente os que não queriam obedecer os portugueses.

Vários índios foram assassinados. O nome desse

FORTE que os portugueses usavam era Nossa Senhora da Assunção, o nome da Santa que até hoje é a padroeira de FORTALEZA.



11



O Museu do Ceará é legal. Olhando para os objetos eu aprendi várias coisas sobre Fortaleza e todo o Ceará. Bem que a moça disse que ia ser uma história contada através dos objetos. Você também contou para mim um pouco da sua história com os seus objetos e com outras coisas da sua casa. Tudo através das brincadeiras deste livrinho. Mas, eu contei para vocês só um pouco da minha visita ao Museu do Ceará. Lá tem muito mais: tem a roupa do padre Cícero, tem armas e moedas antigas, vários objetos dos índios, quadros e outras coisas. Só que essas histórias eu conto da próxima vez, no próximo capítulo das Aventuras de Dorinha no Museu do Ceará.

12

Foi legal contar para você essa história. Juntos nós descobrimos um monte de coisas. E você ainda vai descobrir muito mais quando for ao Museu. Então vamos fazer um trato: depois que você for, conte-me o que achou, pode ser escrevendo ou fazendo um desenho do que você mais gostou. Eu vou adorar receber. Então, peça à professora para mandar o seu trabalho ao Museu. Estou esperando. Beijinhos. Dorinha.



## ANEXO B – CARTA AOS PROFESSORES

Olá professor(a),

Você já deve estar acostumado com os subsídios pedagógicos para o trabalho com os alunos - geralmente são os famosos livrinhos de orientação que acompanham o livro didático. Possivelmente, você concluiu que está lendo mais um dos tais "manuais do professor". Contudo, esse material não é exatamente um desses guias, e acredito sinceramente que essa constatação possibilite um diálogo entre nós.

Para começar, não cremos na idéia de "guias", pois muitas vezes limitam o trabalho do professor. Mais interessante do que dar receitas de atividades, é promover o desejo de criar e inventar possibilidades educativas.

Por isso, decidimos batizar o texto de "Carta ao Professor", já que a intenção não é lançar uma enxurrada de informações, mas enviar notícias a partir da expectativa de também recebê-las. Queremos, assim, estabelecer trocas de idéias entre o professor e o Museu do Ceará. É fundamental receber sugestões de atividades pedagógicas bem como críticas ao trabalho que está sendo desenvolvido.

O objetivo central é, apresentar ao professor algumas possibilidades de uso da Cartilha "As aventuras de Dorinha no Museu". Pretendemos inserir a criança do ensino fundamental numa leitura do mundo que privilegia o olhar para os objetos. É uma descoberta da sua história a partir de coisas que ela tem em casa, vê na rua ou vai encontrar no Museu. Assim, é necessário que alguns exercícios sejam realizados antes da visita ao Museu do Ceará. Outros, podem ser feitos depois, pois é importante incentivar a continuidade da reflexão no retorno para a sala de aula.

Com as histórias de Dorinha, procuramos, despertar na criança, a curiosidade de conhecer o Museu, descobrindo o fascinante mundo das coisas

que a cerca. A idéia é fazer com que o público infantil perceba que, a partir dos objetos, é possível conhecer e construir muitas outras histórias...

Na Cartilha, tudo começa quando Dorinha descobre ocasionalmente o prédio do Museu, e leva um susto. Afinal, aquela casa diferente e antiga desperta a curiosidade de qualquer criança. A arquitetura do prédio causa certo estranhamento. Certamente, não parece com o lugar onde moram as crianças. Percebendo mais um pouco, vão se dando conta que se trata de um prédio antigo, construído bem antes delas nascerem. O antigo e o novo habitam a mesma cidade.

Aos poucos, a criança vai tomando contato com histórias de um tempo anterior ao seu nascimento, afinal muitos tempos convivem na cidade: coisas que a criança viu surgir habita com outras que seus avós viram aparecer. O prédio antigo, o prédio novo, o brinquedo eletrônico, o carrinho de madeira e flandre vendido pelo camelô na calçada são diferentes tempos que se cruzam na mesma cidade, às vezes na mesma rua ou na mesma casa. É raro encontrar uma casa sem um algo antigo ao lado de um novo e moderno.

A criança percebe que, se existe o antigo é porque antes dela nascer muitas histórias já existiam. Histórias que ela vai descobrir, entre outras coisas, observando os objetos e prédios mais antigos. Esta é a principal consideração: além do texto escrito, a história possui outros recursos para ser contada, como a exposição museológica, que convida seus visitantes a fazer leituras do mundo a partir dos objetos.

Conseguimos falar de uma pessoa a partir das roupas que usa, dos objetos que carrega, da forma como decora a sua casa, dos utensílios domésticos que possui, etc. Ampliando esta perspectiva, nós também conseguimos pensar a cultura dos indivíduos no tempo, pelos objetos que fabricam e utilizam. Para ficar mais claro, vamos pensar, por exemplo, no copo de plástico, objeto que bem poderia estar no Museu, como ressalta Dorinha na cartilha (página 5). Pois bem, o plástico é um material de rápida duração. Não

se espera que ele tenha vida longa. Portanto, a palavra que se liga intimamente ao plástico é "descartável", termo que ganha maior força no mundo contemporâneo. Vivemos relações aceleradas, imediatas, não sobra muito tempo para criar laços de intimidade com as coisas. A ordem é a novidade. Com isso, nosso lixo é cada vez mais volumoso pois, jogamos fora, todos os dias, uma quantidade considerável de objetos. Entre eles, o campeão absoluto: o plástico, o senhor do descartável. Portanto, lá está o copo de plástico junto com embalagens de plástico, pratos de plástico, tudo bem escondido em um saco plástico, pronto a ser arremessado para fora da nossa casa.

É por isso que a moça diz a Dorinha que o Museu não é lugar só de coisas antigas, mas de qualquer objeto que possa suscitar uma reflexão histórica (página 5). O copo de plástico que Dorinha traz na mão pode se transformar numa peça de Museu pois aponta para uma leitura do mundo em que ela vive. Este tipo de debate pode ser desdobrado por objetos novos ou antigos, observando reflexões que entrelaçam passado e presente.

Quase todas as páginas da Cartilha procuram despertar para essa relação temporal entre o novo e o antigo. A idéia é lentamente apresentada. Em um primeiro momento, é necessário exercitar detalhadamente o olhar para um objeto. Na terceira página da Cartilha, sugerimos que a criança observe inicialmente um objeto seu, pessoal, para que possa se expressar mais livremente e com maior intimidade em face do exercício proposto.

Além desta atividade, outras podem ser pensadas. Por exemplo, colocar um único objeto no centro da sala e pedir para que as crianças, depois de descrevê-lo, construam uma história a partir dele: como foi construído? Quem construiu? Foi atualmente ou antigamente? Como vocês imaginam a casa do dono desse objeto? Para que serve? Como era utilizado? Foi difícil construir? Como vocês usariam esse objeto? O que vocês fariam com ele? Se forem objetos com portas ou tampas, podemos pedir para que tentem dizer o que acham que tem dentro... Com as respostas, a criança vai observando o

objeto dentro de uma outra perspectiva: não somente a descrição do seu objeto pessoal, mas também na relação com outros objetos, situando-os dentro de um contexto. Afinal, o objeto não está solto, pertence a alguém que pode ser pobre ou rico, criança ou adulto, homem ou mulher, que vive atualmente ou já viveu em décadas passadas, ou seja, os objetos tem história e, nessa medida, a história pode ser contada através dos objetos.

Na cartilha, também sugerimos que a criança faça o desenho do objeto descrito. Outra idéia, é a de construir uma réplica ou mesmo inventar um novo objeto e produzi-lo com materiais de sucata. Depois do exercício concluído, seria interessante que o professor organizasse uma exposição dos trabalhos (objetos e desenhos). As próprias crianças poderiam propor o roteiro da exposição: o que poderia ficar agrupado e o porque dos agrupamentos, etc. Além do mais, esta atividade cria uma afinidade maior com exposições museológicas.

Como salientamos nas páginas intituladas "O Copo de Plástico", "A Cartola e o Boné", a principal intenção é fazer com que a criança perceba que o museu não é um lugar só de coisas antigas. O Museu propõe reflexões a partir dos objetos, antigos ou novos. Ademais, é interessante que uma exposição misture tempos diferenciados para que os visitantes possam pensar o significado das mudanças, a invenção das coisas novas e a permanência das antigas. Afinal, sabemos que nada se transforma ou surge à toa.

"O Brinquedo do Vovô", "Fotos Antigas", e o "Jogo dos Sete Erros", apresentam roupas, aparências e costumes de "antigamente". Nossa intenção é estabelecer percepções do tempo na cidade. Algumas coisas vistas no cotidiano (por exemplo a televisão) nem sempre foram do mesmo jeito, já tiveram diferentes formas e, inclusive, houve um tempo em que tais coisas nem existiam. Ao descobrir isto, a criança se dá conta de que a cidade tem outras histórias, que podem ser encontradas não só no Museu, mas na sua

Atividade em classe

própria casa, através de fotografias, móveis antigos, roupas guardadas, receitas tradicionais da família, festas populares, etc.

Estendendo o diálogo com alunos já alfabetizados uma boa sugestão seria organizar, na classe ou na escola, uma exposição com fotografias ou objetos de décadas passadas e atuais. Depois que os alunos coletam o material com seus parentes, a escola cuidadosamente organiza o empréstimo para a exposição. A elaboração de um documento de empréstimo, assinado pelo proprietário, pela escola e pelo estudante, pode despertar mais ainda o sentido de conservação e valorização dos objetos (ver anexo: sugestão para o documento de empréstimo). Os alunos podem fazer pesquisa perguntando aos pais ou parentes a história daqueles objetos.

Também pode ser feito a coleta do material (fotos e objetos) no bairro. Coisas antigas que os moradores possam emprestar para a escola. As fotos antigas despertam a percepção para mudanças no espaço onde se mora. Aliás, os pais e moradores do bairro podem ser envolvidos nesta exposição, contando histórias dos lugares de lazer, trabalho, namoro, como era "antigamente", o que mais mudou, etc. Estas atividades podem ser inseridas na chamadas "Feiras de Ciências" ou "Semanas Culturais" pois, em geral, já fazem parte do programa da escola.

Como material didático das séries iniciais, a cartilha "As aventuras de Dorinha no Museu" tem como principal objetivo o desenvolvimento de exercícios com objetos: o que existe, porque existe, para que existe, o que desapareceu, porque desapareceu, o que permanece, porque permanece, etc. Para turmas mais avançadas, as perguntas continuam as mesmas, porém com uma maior complexidade no ato de conhecer. Em todo caso, o fundamental é fazer com que o educando estabeleça conexões de tempo, espaço e cultura a partir dos objetos.

É importante romper com a idéia de que o antigo é coisa de tempos passados e o novo é coisa do tempo atual. Afinal, antigo e o novo coexistem,

*Atividade em classe*

} X

convivem e participam da história da criança, dos adultos, da família, da rua, do bairro, da cidade, do país, do mundo... Do contrário, não conseguiremos realizar uma educação de valorização e conservação de um patrimônio cultural que, além de prédios antigos, é também composto das várias manifestações do ser humano em grupo. O patrimônio está dentro de casa, pode ser aquela receita guardada na família há anos, uma brincadeira na rua, as histórias da dona Maria, do seu Chico, etc.

Nas páginas intituladas "Fortaleza: nossa cidade no museu", propomos à criança uma rápida introdução à temática da cidade de Fortaleza. Esta exposição do Museu do Ceará, gera, a partir do nome FORTALEZA, uma reflexão sobre as práticas de violência e os mecanismos de proteção que circundam a cidade desde a colonização até os dias atuais. Na Cartilha, procuramos fazer com que o aluno perceba os objetos protetores da sua residência, ou seja, as pequenas ou grandes fortalezas que possuem em casa. Coisas que só têm razão de existir numa cidade violenta, em que as pessoas são privadas de usufruir dos diferentes lugares.

O nome "FORTALEZA" já evoca a idéia de proteção. Mecanismos de controle e segurança criam imagens marcantes na história da cidade. Na colonização, a expressão do domínio de povos europeus sobre este território se dava, principalmente, pela edificação de Fortes. Em 1605, o português Pero Coelho ergue o forte de São Tiago e por causa de uma grande seca abandona o lugarejo. Em 1612 é a vez de Martim Soares Moreno fincar as forças portuguesas nestas terras através dos pilares do forte de São Sebastião, no mesmo lugar onde estava situada a velha fortificação de São Tiago - Barra do Ceará. Em 1631, Soares Moreno deixa a capitania em definitivo. Com isso, as tropas holandesas se apoderam do Forte em 1637, mas são aniquiladas pelos índios que aqui viviam. Contudo, em 1649 Matias Beck, tenta novamente impor o poderio holandês no lugar, constrói junto ao Rio Pajeú o Forte Schoonenborch com o objetivo de estabelecer um ponto de defesa militar e

descobrir prata. Em 1654, os holandeses, que já vinham perdendo território para as tropas lusitanas em Pernambuco, são também expulsos daqui. Os portugueses dominam o Schoonenborch, de holandeses protestantes, e ali criam o forte de Nossa Senhora da Assunção. Ao seu redor, grupos humanos foram se aglomerando formando então a Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, que crescia sob o controle da cruz (igreja católica) e da espada (reino português). Nesse contexto histórico, muitos índios foram exterminados.<sup>1</sup>

Mediante a idéia da exposição "Fortaleza: imagens da cidade", sugerimos para as últimas séries do ensino fundamental um exercício de pensar FORTALEZA como uma "palavra geradora"<sup>2</sup>, ou seja, o que os alunos pensam quando lêem ou escutam esta palavra. Deixar que elas falem e debater sobre a história da cidade, do bairro, da rua, etc.

Ainda em torno do tema desta exposição, outra atividade possível, é conversar com as crianças sobre a presença marcante da cultura indígena em nossa vida cotidiana. As crianças podem fazer um levantamento dos objetos indígenas que usam no dia-a-dia da casa: a rede, o pote, utensílios de barro, etc. Além disso, pode-se pensar na alimentação ou termos da nossa linguagem que têm ligações com a cultura indígena no cotidiano da cidade.

Todas as atividades propostas na Cartilha e nesta "Carta ao Professor" devem ser realizadas de acordo com o planejamento letivo. Não é necessário concluir o uso da Cartilha numa seqüência ininterrupta. Pode-se reservar um momento de cada semana para realizar alguns exercícios. Entretanto, mais uma vez reforçamos que é necessário preparar as crianças

<sup>1</sup> Para saber mais sobre o tema ver: Silva Filho, Antônio Luiz Macêdo e. *Fortaleza: Imagens da Cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

<sup>2</sup> Como lembra Paulo Freire, é necessário partir dos saberes que cada um tem mediante as palavras que geram, gestam, que desdobram reflexões para que a educação seja uma prática libertadora. Ver: Freire, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. Ver, também, os outros títulos do mesmo autor.

para enxergar os objetos. Nesse sentido, é fundamental realizar algumas atividades antes da visita (sugerimos as primeiras páginas).

Na última página da Cartilha, propomos que as crianças nos enviem sua impressão da visita. Para que isto aconteça, contamos com a colaboração do professor (a) no incentivo junto às crianças. Este material nos ajudará a pensar as próximas exposições.

Com a Cartilha e esta Carta, queremos intensificar o diálogo entre os professores e o Museu do Ceará, no intuito de construir possibilidades de reflexão sobre nossa história. Trata-se de sugestões que ajudam a criar no Museu um espaço de projetos pedagógicos que assumem leituras do mundo através de outros textos, além do escrito. Como vimos, uma exposição museológica se constrói de muitos textos que não são feitos só com palavras, mas principalmente com objetos.

Por exemplo, a exposição "Fortaleza: imagens da cidade" propõe, a partir de objetos, uma reflexão sobre a violência nestas terras, desde a colonização: a maquete da vila de Fortaleza destaca a presença do Forte; a planta xadrez da cidade, placas de trânsito, nomes de rua, fotos e objetos para a iluminação pública e relógios expressam também as formas oficiais de controle sobre o deslocamento dos habitantes na cidade. Jarros do Passeio Público e do Cemitério São João Batista, atentam para a violência da desigualdade social presente na vida e na morte.

Certamente, o entendimento destas questões se alonga na visita à exposição. Citamos os objetos e temas desta montagem expositiva para exemplificar a idéia do texto construído a partir dos objetos. Nossa intenção é fazer com que o público consiga ler este texto de poucas palavras. A percepção das questões históricas devem ser comunicadas pelos fragmentos da cultura material ali expostos.

Para o desenvolvimento de tal perspectiva pedagógica, temos encontrado vários entraves. Um deles é a forma como muitos professores

preparam sua visita ao museu. Notamos que uma das principais orientações dos professores aos alunos é a exigência de um relatório posterior à visita. Não somos contrários a realização de atividades que fomentam a reflexão na volta para a sala de aula. Esta idéia é fundamental. Entretanto, a obrigação dos tais relatórios ou textos faz com que os alunos só enxerguem as legendas (pequenos textos) ao lado dos objetos. Os visitantes ficam apressados, copiando uma legenda após outra, para dar conta de entregar o tal relatório.

\*\*\*

Assim, os objetos não são vistos, a exposição não é refletida, a visita fica sem valor. Se a atividade é ler textos, não há necessidade de sair da sala de aula. Tal situação incomoda ao ponto de nos fazer pensar em proibir a entrada dos alunos com cadernos e canetas nas exposições. Entretanto, sabemos que não se resolvem problemas com proibições e sim com a implementação de projetos educativos.

\*\*\*

Vale propor aos alunos qualquer tipo de atividade, desde que estabeleça uma reflexão a partir dos objetos. Nessa perspectiva, o museu se afina com as novas orientações curriculares que visam uma educação ampla e interdisciplinar. Os objetos expostos proporcionam diálogos com diferentes olhares, seja do professor de história, geografia, português, literatura, física ou matemática. A visita ao Museu Histórico, missão direcionada principalmente ao professor de história, pode e deve ser enfrentada por professores das mais diferentes áreas, inclusive, a partir de um projeto interdisciplinar definido previamente. Afinal, a produção de todo e qualquer conhecimento se compõe e se expressa na cultura material. Então, sejam todos bem vindos!

Nosso desejo é tornar o Museu do Ceará um lugar de reflexão sobre as várias ligações do homem com o mundo, através da exposição museológica. É fundamental ressaltar que a exposição parte de uma seleção dos objetos presentes no acervo do Museu. A escolha das peças é feita para compor a temática concebida pela equipe de curadoria (profissionais que

concebem os temas e a forma de expor as peças, ou seja, montam a exposição).

Somente os objetos que melhor comunicam a reflexão proposta, farão parte da exposição. O que não está exposto, portanto, é guardado na chamada Reserva Técnica, ou seja, o local onde se conserva parte do acervo não exibido. As peças da Reserva Técnica ficam a espera de novas temáticas para serem coerentemente apresentadas ao público.

*Reserva Técnica*

Já que estamos falando sobre o funcionamento do Museu para além da Cartilha, gostaria de apresentar melhor o projeto "Dorinha no Museu". Trata-se de um plano educativo que, além da Cartilha, conta com a linguagem do teatro para tornar mais instigante e prazerosa a visita das crianças às exposições. Nas visitas ao Museu, a personagem Dorinha se mistura com as crianças e se coloca como uma delas, com perguntas e comentários que poderiam ser feitos por alunos com a faixa etária correspondente ao ensino fundamental. Esse exercício procura, entre outras coisas, estreitar os laços entre o Museu e a criança, que, aos poucos se desliga de uma imagem fria, chata e às vezes até assustadora.

Com esse direcionamento pedagógico, queremos produzir no Museu um conhecimento que seja crítico e ousado. Não mais o espaço da coisa morta, sem vida e em desuso. O Museu Histórico passa a ser o lugar da exposição de objetos que não somente evocam a contemplação, mas sobretudo uma reflexão cidadã.

Também não temos dúvida de que esse desafio somente pode ser enfrentado com o apoio e a participação intensa dos professores. Nossa atenção volta-se para a escola como um dos espaços de excelência na construção desse perfil educativo e crítico para o Museu do Ceará.

Sua contribuição, caro(a) professor(a), é de fundamental importância. As sugestões apresentadas aqui têm a intenção de orientar sua inserção nessa proposta educativa. Esta carta, portanto, é uma das tentativas

de divulgação dessas idéias, e apesar de ter sido escrita por uma única pessoa, é fruto do esforço e reflexão de muitas outras. Vale destacar, aqui, o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Núcleo Educativo do Museu do Ceará, formado por uma coordenação, pelos monitores e a boneca Dorinha.

Como ressaltei, as possibilidades pedagógicas na construção desse tipo de conhecimento são inesgotáveis. Sugerimos algumas atividades, mas, certamente, muitas outras serão criadas na sala de aula. Se a turma não for de Fortaleza, é interessante fazer uma transposição do conteúdo de algumas páginas, adaptando ao patrimônio local. O importante, neste caso, é construir histórias da sua cidade a partir dos objetos.

Como disse no início, isto não é um "guia do professor", é uma "Carta ao Professor". E mesmo sabendo que a prática de escrever cartas está em extinção, teimo no uso da terminologia para reforçar o desejo de estabelecer laços de convívio com o professor. Sem isso, torna-se impossível o encaminhamento de tais projetos educativos no Museu do Ceará.

E como não poderia deixar de ser, finalizo esta carta pedindo a você que envie notícias sobre a experiência com a Cartilha, o que deu certo, o que não deu. Cartas com idéias que foram criadas e que podem ajudar no trabalho do Museu do Ceará.

Fico por aqui, com o desejo de esticar esta prosa.

Abraço amigo,

*Kênia Rios*

(Coordenadora da Cartilha

As aventuras de Dorinha no Museu)

## ANEXO C - DIÁLOGO ENTRE O MONITOR E A DORINHA

### DIÁLOGO ENTRE O MONITOR E A DORINHA

MONITOR – BOM DIA! SEJAM BEM-VINDOS AO MUSEU DO CEARÁ! QUANTOS DE VOCÊS JÁ VIERAM AO MUSEU? E O QUE VOCÊS ESPERAM ENCONTRAR AQUI? DIFERENTEMENTE DOS LIVROS E ANOTAÇÕES QUE UTILIZAMOS NAS SALAS DE AULA, AQUI NO MUSEU, NÓS TEREMOS UMA AULA DE HISTÓRIA DIFERENTE!

OS ALUNOS IRÃO FALAR INTERAGINDO COM O MONITOR. NESSE MOMENTO, A DORINHA FICA POR TRÁS DO PANO FAZENDO GRACINHAS PARA CHAMAR A ATENÇÃO DOS ALUNOS E DO MONITOR.

MONITOR – DO QUE VOCÊS ESTÃO RINDO?

OS ALUNOS RESPONDEM

MONITOR – HÁ É VOCÊ NÉ DORINHA? QUERIA ME DAR UM SUSTO HEIM?

DORINHA – POIS É, MAIS EU NEM CONSEGUI!

MONITOR – VOCÊ DE NOVO AQUI NO MUSEU DORINHA?

DORINHA – É CLARO, SABE POR QUÊ?

MONITOR – NÃO, POR QUÊ?

DORINHA – POR QUE TODA VEZ QUE EU VENHO AQUI, EU APRENDO UMA COISA DIFERENTE. DA PRIMEIRA VEZ QUE EU VIM AQUI, EU APRENDI UMA COISA, DA SEGUNDA VEZ QUE EU VIM AQUI, EU APRENDI OUTRA COISA E DA TERCEIRA VEZ, SABE O QUE APRENDI?

MONITOR – NÃO DORINHA, O QUE FOI QUE VOCÊ APRENDEU?

DORINHA – OUTRA COISA NÉ, SEU PROFESSOR! A MESMA É QUE EU NÃO PODIA TER APRENDIDO. EU FALEI ATÉ PRA MINHA MÃE QUE EU IA FICAR COM A CABEÇA DO TAMANHO DA CABEÇA DE UM ELEFANTE, POIS EU APRENDO E MINHA CABEÇA VAI CRESCENDO, CRESCENDO... EM COMPENSAÇÃO, QUEM NÃO APRENDE TEM A CABEÇA IGUAL À DE UMA FORMIGINHA.

MONITOR – DORINHA, NÃO TEM NADA DISSO. A CABEÇA DA GENTE NÃO CRESCER QUANDO APRENDEMOS.

DORINHA – AI NÃO? POIS EU JURAVA QUE ELA CRESCIA.

MONITOR – MAS DEIXANDO ESSA CONVERSA DE LADO, ME DIGA O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU AQUI NO MUSEU?

DORINHA – HÁ, EU GOSTEI DE TANTA COISA! GOSTEI DA VILA DA MAQUETE DE FORTALEZA, DO BODE IOIÔ, DA CALUNGA. HÁ É DIFÍCIL FALAR DE TUDO O QUE EU GOSTEI, POR QUE EU GOSTEI DE TUDO! OPA, QUER DIZER EU GOSTEI DE QUASE TUDO. TEVE UMA COISA QUE EU NÃO GOSTEI NÃO!

MONITOR – DO QUE VOCÊ NÃO GOSTOU DORINHA?

DORINHA – POSSO FALAR NÃO, É UM SEGREDO!

MONITOR – E QUE SEGREDO É ESSE DORINHA? FALE SÓ PARA MIM!

DORINHA – POSSO NÃO, É UM SEGREDO! E SE EU CONTAR, ESSES ALUNOS NÃO VÃO MAIS QUERER VISITAR O MUSEU!

MONITOR – VAMOS LÁ, FALE BAIXINHO SÓ PARA MIM!

DORINHA – É UMA ASSOMBRAÇÃO! (Dorinha fala sussurrando)

MONITOR – O QUE É DORINHA?

DORINHA – “AFE” MARIA PARECE QUE É MOQUINHO! É UMA ASSOMBRAÇÃO! (Dorinha fala alto).

PRONTO FALEI! SE OS ALUNOS NÃO QUISEREM MAIS VISITAR O MUSEU, A CULPA É SUA, TODA SUA!

MONITOR – MAS QUE ASSOMBRAÇÃO É ESSA DORINHA?

DORINHA – TÁ BOM JÁ QUE INSISTE, EU VOU EXPLICAR! E QUE DE UMA OUTRA VEZ QUE EU VIM AQUI, O PROFESSOR(A) FALOU QUE A GENTE IA TER UMA AULA DE HISTÓRIA DIFERENTE. UMA AULA AONDE NÓS ÍAMOS CONVERSAR COM OS OBJETOS. AÍ, EU PENSEI: EU NUNVA VI OBJETO FALAR, OBJETO NÃO TEM BOCA, ENTÃO SÓ PODE SER UMA ASSOMBRAÇÃO! EU FIQUEI MORRENDO DE MEDO!

MONITOR – DORINHA, VOCÊ ENTENDEU TUDO ERRADO! O QUE A SENHORITA ESTAVA FAZENDO QUANDO O MONITOR ESTAVA EXPLICANDO?

DORINHA – EU?

MONITOR – ESTAVA CONVERSANDO NÉ?

DORINHA – SÓ UM POUQUINHO...

MONITOR – POR ISSO ENTENDEU TUDO ERRADO E AINDA FICA ESPALHANDO POR AÍ, ESSA HISTÓRIA DE ASSOMBRAÇÃO. PRESTA ATENÇÃO AGORA QUE EU VOU EXPLICAR O QUE É CONVERSAR COM OS OBJETOS (FAZ-SE A APRESENTAÇÃO DOS MARACAS, PROCURANDO INDAGAR AOS ALUNOS SOBRE A HISTÓRIA DO OBJETO – DO QUE ELE É FEITO, POR QUEM É UTILIZADO, PARA QUE SERVE? (o monitor deve esperar que os alunos respondam). VOCÊS PRECISARAM CONSULTAR ALGUM LIVRO PARA ME FALAR ACERCA DESTE OBJETO? COMO VOCÊS SABIAM SOBRE ESSE OBJETO? COM A OBSERVAÇÃO NÃO É MESMO? É DESSA FORMA QUE SERÁ A AULA QUE A GENTE VAI TER AQUI NO MUSEU. VOCÊS IRÃO OBSERVAR E ANALISAR O OBJETO. NÓS NÃO LEMOS PALAVRAS? AQUI NO LUGAR DE LERMOS PALAVRAS, NÓS IREMOS LER OS OBJETOS. ENTENDEU DORINHA, AGORA)?

DORINHA – HÁ, AGORA EU ENTENDI TUDINHO! É IGUAL BRINCADEIRA DE DETETIVE NÃO É? A GENTE FAZ AS PERGUNTAS PARA OS OBJETOS E A GENTE MESMO RESPONDE.

MONITOR – ISSO MESMO DORINHA!

DORINHA – TÁ VENDO COMO EU SOU UMA MENINA INTELIGENTE!

MONITOR – É MESMO! MAS AGORA VAMOS VISITAR O MUSEU? ESTÃO TODOS PRONTOS?

DORINHA - PERA AÍ, DÁ SÓ UM MINUTINHO! (Dorinha pega o seu lanchinho).

MONITOR – MAS O QUE É ISSO, DORINHA! GENTE PODE COMER NAS EXPOSIÇÕES? E POR QUE NÃO PODE? SERÁ QUE A GENTE PODE TOCAR NOS OBJETOS? E POR QUE NÃO? ENTENDEU DORINHA?

DORINHA – AH TÁ, DESCULPA! ENTÃO EU VOU FAZER O MEU LANCHINHO LÁ NA PRAÇA DO FERREIRA, DEPOIS EU VOLTO PARA VER A EXPOSIÇÃO. TCHAUZINHO!

## **ANEXO D – TEATRO INFANTIL: O SONHO DE DORINHA**

### **TEATRO INFANTIL: O SONHO DE DORINHA NO MUSEU DO CEARÁ**

#### **1º CENA**

DORINHA SE ENCONTRA COM O EDUCADOR PARA VISITAR O MUSEU (DIÁLOGO JÁ REALIZADO NAS RECEPÇÕES DIARIAMENTE)

#### **2º CENA**

NO MOMENTO EM QUE DORINHA JÁ SABE QUE NÃO PODE ENTRAR NO MUSEU COM ALIMENTOS E QUE NÃO PODE TOCAR NOS OBJETOS, O EDUCADOR DIZ QUE VAI GUARDAR OS MARACÁS E DORINHA COMEÇA A ADORMECER À ESPERA DO MESMO.

DORINHA DORME E O BODE IOIÔ APARECE AO SEU LADO, ESTÁTICO.

D - NOSSA!!! É O BODE IOIÔ! A MINHA MÃE DISSE PRA MIM QUE ELE É UM BODE EMPALHADO.  
(ELA OLHA PRO BODE ELE ESTÁ PARADO E OLHA PRAS CRIANÇAS)

D - MAS PARECE QUE ELE TÁ É VIVO!!!  
(ELA OLHA PRO BODE ELE ESTÁ PARADO E OLHA PRAS CRIANÇAS)

D - EU ACHO QUE ELE TÁ OLHANDO PRA MIM!  
(ELA ESTÁ ASSUSTADA)

D - EU ACHO QUE TÔ FICANDO DOIDINHA OU ELE PISCOU PRA MIM?  
(O BODE BERRA E ASSUSTA DORINHA)

D - VALIA MINHA NOSSA SENHORA DAS BONECAS DE PANO! O BODE IOIO TA VIVO!

B - OH! DESCULPA SENHORITA, A MINHA INTENÇÃO NÃO ERA TE ASSUSTAR. NA VERDADE EU SO QUERIA CONVERSAR COM ALGUÉM. HOJE ESTAUM DIA TÃO BONITO NÃO ACHA???!!

D – CONCORDO. ESTA BONITO MESMO!

B – MAS ME DIGA: QUAL É O SEU NOME?

D – MEU NOME É DORINHA! E EU QUERIA SABER SE TUDO QUE FALAM DE VOCE É VERDADE SEU BODE!

B – AH, AS PESSOAS FALAM MUITO DE MIM! ISSO É PORQUE EU SOU UM BODE FAMOSO! VIVI MUITA NESSA MINHA VIDA DE BODE... QUANDO EU ERA UM CABRITINHO, EU MORAVA COM A MINHA FAMÍLIA LÁ NO INTERIOR. EU ERA TÃO FELIZ... EU CORRIA, CORRIA, CORRIA BRINCANDO COM OS MEUS IRMÃOS CABRITINHOS. ERA TÃO BOA AQUELA ÉPOCA! SÓ TINHA UMA COISA QUE NÃO ERA BOA.

D – O QUE ERA SEU BODE IOIO?

B – O PROBLEMA ERA QUE QUASE NUNCA CHOVIA! E QUANDO NÃO CHOVIA, NÃO TINHA AGUA PRAS PLANTINHAS CRESCEREM. E SE NÃO TINHA PLANTINHA, COMO É QUE EU IA COMER O MEU CAPINZINHO? POR ISSO QUE OS MEUS DONOS RESOLVERAM VIR PRA CIDADE DE FORTALEZA, DEBAIXO DE SOL, DE SOL E MAIS SOL PRA VARIAR.

D – AFF, SEU BODE! ERA TÃO QUENTE ASSIM?

B – ERA DEMAIS! CHEGANDO AQUI OS MEUS DONOS NÃO TINHAM DINHEIRO PRA COMPRAR COMIDA. E COMO EU ERA UM BODE CHARMOSO, ELEGANTE E CHEIO DE ESTILO!!! ELES ME VENDERAM.

D – QUE HISTÓRIA, HEIN? E VOCE FICOU COM RAIVA DELES?

B - NÃO, SABE PORQUE? ELES ESTAVAM PASSANDO MUITA NECESSIDADE. COM O TEMPO EU ENTENDI SENHORITA. MAS, NÃO FOI TÃO RUIM ASSIM, PORQUE AÍ EU PERCEBI QUE FORTALEZA ERA MUITO BONITA E QUE EU PODERIA FAZER O QUE EU MAIS GOSTAVA, QUE ERA... ADIVINHEM!!!

(CRIANÇAS PARTICIPAM)

B – CORRER, CORRER, CORRER E?...

(CRIANÇAS PARTICIPAM E SÃO INDUZIDAS A DIZER CORRER)

B – NÃO, COMER!!!!

D – AHAHAHAHAHA EU TAMBÉM ADORO COMER!!! VOCÊ É MUITO ENGRAÇADINHO SEU BODE! E VOCÊ TAMBÉM É MEIO MALUCO DE GOSTAR TANTO DE CORRER. É POR ISSO QUE O SEU NOME É IOIO?

B – POIS É DORINHA, AS PESSOAS COMEÇARAM A ME CHAMAR DE IOIO PORQUE EU TINHA UMA MANIA DE IR DA PRAÇA DO FERREIRA ATÉ A PRAIA DO PEIXE.

D – PERÁÍ, IOIO! PERÁÍ! A PRAÇA DO FERREIRA EU SEI QUALÉ. MAS, AONDE É QUE FICA A PRAIA DO PEIXE?

B- A PRAIA DO PEIXE, DORINHA, HOJE SE CHAMA PRAIA DE IRACEMA.

D – AHAHAHA. A PRAIA DE IRACEMA, EU CONHEÇO! EITA, MAS ERA LONGE DEMAIS PRA IR A PÉ, SEU BODE!

B – EU IA MESMO ASSIM, PORQUE ERA BOM DORMIR LA.

D – HAHHAHAHA. QUE BODE ESQUISITO! MAS O QUE VOCÊ FAZIA NA PRAÇA DO FERREIRA?

**B – AH TINHA MUITA COISA PRA FAZER! LÁ ERA MUITO BONITO!!! TODO MUNDO DE FORTALEZA IA LA PRA SE ENCONTRAR, PRA FOCAR, PRA CONVERSAR, PRA MOSTRAR ROUPA NOVA. NAQUELA ÉPOCA TODO MUNDO QUERIA SER CHIQUE! TODO MUNDO QUERIA APARECER! ATÉ EU QUERIA SER CHIQUE. EU CHEGAVA NA PRAÇA E IA PARA OS CAFÉS ONDE ESTAVAM OS POETAS, POIS EU GOSTAVA TANTO DE POESIA! SABE, DORINHA, ELAS FAZIAM POESIAS ATÉ SOBRE MIM, E COMO EU SOU UM BODE VAIDOSO ADORAVA OUVÍ-LAS...**

**D – (BOCEJA) DEPOIS DE TANTA CONVERSA, DEPOIS DE TANTA BRINCADEIRA, FIQUEI CANSADINHA. ACHO QUE VOU COXILAR UM POUQUINHO SEU BODE, QUE NEM O SENHOR COXILAVA QUANDO IA PRA PRAIA DO PEIXE.**

**B – TA BOM DORINHA, EU TAMBÉM TENHO QUE IR VOLTAR PRO MEU CANTINHO LA NO MUSEU.**

**D – AH, FOI MUITO BOM CONVERSAR COM VOCÊ SEU IOIO, PORQUE EU NÃO SABIA QUE VOCE ERA VIVO.**

**B – MAS DORINHA, EU SEMPRE VOU ESTAR VIVO ENQUANTO AS PESSOAS LEMBRAREM DE MIM. ATÉ A PROXIMA.**

**(DORINHA SE DESPEDE DO BODE E ADORMECE FALANDO:)**

**D- NOSSA! EU NUNCA PENSEI QUE EU CONHECERIA O BODE IOIO. TEM CADA MALUQUICE QUE ACONTECE COMIGO...**

**(MONITOR CHEGA E ACORDA DORINHA)**

**EM – DORINHA! OH DORINHA! ACORDA! VOCÊ TAVA DORMINDO ERA?**

**D – DORMINDO E SONHANDO... AHAAAA. QUE PENA QUE ERA SO UM SONHO!**

**EM – E VOCE TAVA SONHANDO COM QUE?**

**D – COM O BODE QUE FOI PARAR NO MUSEU...**

**EM – ENTÃO VAMOS VISITAR AGORA O MUSEU DO CEARÁ?**

**D – COM ESSE SONO TODO EU FIQUEI ATÉ COM FOME. VOU LA PRA PRAÇA DO FERREIRA COMER O MEU LANCHINHO. TCHAU.**

**(DORINHA SAI DE CENA)**

**Ana Carolina Rodrigues, Alfredo de Sousa, Janaína Muniz e João Alves.  
Museu do Ceará, 01 de outubro de 2010.**